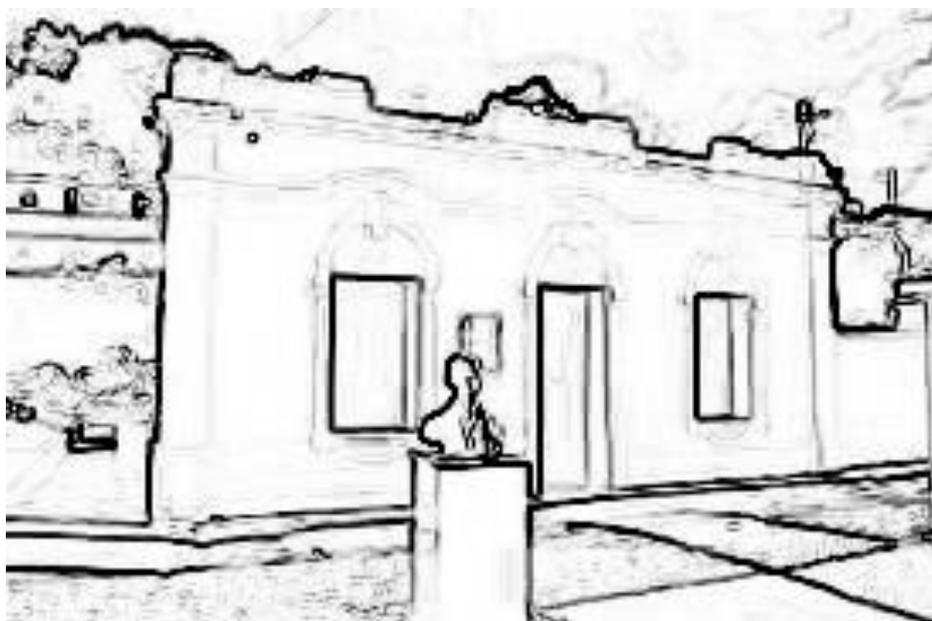




**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA – UFPB / CAMPUS III
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, SOCIAIS E AGRÁRIAS – CCHSA
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO – DE
LICENCIATURA EM PEDAGOGIA**

RAYANE CRISTINA ILÁRIO NASCIMENTO

"MUSEU SIMEÃO CANANEIA": Um espaço educativo em Bananeiras



BANANEIRAS – PB

2018

RAYANE CRISTINA ILÁRIO NASCIMENTO

"MUSEU SIMEÃO CANANEIA": Um espaço educativo em Bananeiras

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Federal da Paraíba, como um dos requisitos para a obtenção do título de Licenciada em Pedagogia.

Orientadora: Profa. Dra. Vivian Galdino de Andrade

BANANEIRAS – PB

2018

RAYANE CRISTINA ILÁRIO NASCIMENTO

"MUSEU SIMEÃO CANANEIA": um espaço educativo em Bananeiras

Monografia julgada e aprovada em ___/___/___

Comissão Examinadora

Prof^a. Dr^a Vivian Galdino de Andrade
Orientadora

Prof^a. Dr^a Catarina Carneiro Gonçalves
Examinadora

Prof^a. Dr^a Efigênia Maria Dias Costa
Examinadora

BANANEIRAS – PB

2018

“Educar é mostrar a vida a quem ainda não a viu.
O educador diz: “Veja!” - e, ao falar, aponta.
O aluno olha na direção apontada e vê o que nunca viu.
Seu mundo se expande. Ele fica mais rico interiormente
E, ficando mais rico interiormente, ele pode sentir mais
alegria e dar mais alegria – que é a razão pela qual vivemos.”
(Rubem Alves)

AGRADECIMENTOS

Ah... Este é o momento de trazer a tona as emoções que cercaram estes 5 anos!!!

Agradeço primeiramente a Deus por ser meu porto seguro, fiel companheiro nos momentos desafiantes, angustiantes e felizes que vivenciei durante esse início de percurso acadêmico;

Aos meus pais, Rubens Ilário e Izabel Cristina, pela educação dada e pelos ensinamentos passados que me fizeram crescer e amadurecer meu caráter, sem eles eu não teria chegado a este momento;

Ao meu amado esposo, JhônataKéssio, que em todos os momentos sorriu e sofreu comigo minhas lutas e vitórias, pelo companheirismo e cumplicidadedemonstrados dia a dia, estando sempre disponível e não medindo esforços para me auxiliar durante mais esta etapa acadêmica - a conclusão do curso;

Ao fruto do nosso amor, que está a caminho trazendo muita felicidade para mamãe;

A minha cunhada que contribuiu com a realização da maquete da Estação Ferroviária, pois sei o quanto trabalho que rendeu;

A todos os meus familiares que, de forma direta ou indireta, me auxiliaram a vencer os desafios encontrados no curso, através de palavras de ânimo e incentivo;

A minha querida orientadora Vivian Galdino de Andrade, por ter acreditado nas minhas palavras quando pedi sua orientação e falei que iria me esforçar para cumprir as responsabilidades que carregam a produção deste trabalho, pela atenção cedida e o engajamento na construção deste texto;

Aos participantes desta pesquisa que cooperaram dispondo de seu tempo para a realização dos questionários;

A minha turma 2013.1 pelos momentos que juntos compartilhamos e, em especial, as amigas para a vida que a universidade me proporcionou: a minha querida amiga Márcia Duarte, pelas experiências trocadas (alegrias, vitórias, infelicidades... enfim vou parar por aqui se não choro) e acima de tudo pela irmandade vivida durante esses 5 anos... não posso também deixar de agradecer o privilégio que tive de conhecer: Fernanda, Celiane, Jaqueline Barbosa, Elis, Tuane, Andréia, Ruth, Susana, Jeorgeana, enfim, a toda a turma.

RESUMO

NASCIMENTO, Rayane Cristina Ilário. "MUSEU SIMEÃO CANANEIA": um espaço educativo em Bananeiras, 2018.

O presente trabalho se propõe a discutir o Museu Simeão Cananéia (MSC) como um lugar de saber e de educação do olhar em Bananeiras. Fruto de uma abordagem qualitativa, esta pesquisa histórica e documental, se fundamenta na metodologia da educação patrimonial, por meio da realização de atividades lúdicas com uma turma de educação infantil no MSC. Com vistas a produzir uma história para o museu, consultamos as seguintes fontes: o regimento da instituição, seu decreto de fundação, inventário do acervo museológico e Livro de assinaturas. Ainda contamos com a aplicação de questionários e com o registro de nossas observações advindos das visitas realizadas na instituição. Constatamos que o museu, enquanto espaço de educação não-formal, tem sido pouco utilizado no âmbito educacional, deixando de compor inúmeras possibilidades pedagógicas nas mais diversas áreas do saber em Bananeiras. Diante disto, subsidiadas pelas propostas teórico-metodológicas da educação patrimonial e ancoradas nas produções de manuais e guias didáticos publicados pelo IPHAN, entre outras, apontamos neste trabalho de conclusão de curso propostas didáticas que podem auxiliar as atividades vivenciadas no MSC, com o desejo de torná-lo um espaço dinâmico e atrativo para as crianças.

Palavras-chave: Educação patrimonial; Museu; Educação não-formal.

ABSTRACT

The present work proposes to discuss the Simeão Cananéia Museum (MSC) as a place of knowledge and education of the gaze in Bananeiras. As a result of a qualitative approach, this historical and documentary research is based on the patrimonial education methodology, through the accomplishment of play activities with a class of children's education in the MSC. In order to produce a history for the museum, we consulted the following sources: the regiment of the institution, its founding decree, inventory of the museological collection and Book of signatures. We still have the application of questionnaires and the recording of our observations coming from the visits made at the institution. We find that the museum, as a space of non-formal education, has been little used in the educational field, leaving to compose numerous pedagogical possibilities in the most diverse areas of knowledge in Bananeiras. Given this, subsidized by the theoretical-methodological proposals of patrimonial education and anchored in the productions of manuals and didactic guides published by IPHAN, among others, we point out in this work of course completion didactic proposals that can help the activities experienced in MSC, with the desire of make it a dynamic and attractive space for children.

Keywords: Patrimonial education; Museum; Non-formal education.

LISTA DE SIGLAS

CEDUC - Coordenação de Educação Patrimonial

EP- Educação Patrimonial

FIC- Fundo de Incentivo à Cultura Augusto dos Anjos

IBRAM- Instituto Brasileiro de Museus

IPHAEP- Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico do Estado da Paraíba

IPHAN- Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional

MEC- Ministério da Educação

MSC- Museu Simeão Cananéia

PCN's- Parâmetros Curriculares Nacionais

PNM- Política Nacional de Museus

LISTA DE IMAGENS

Imagem 1- Cartaz informativo sobre a “Exposição Fotográfica”, 2017	22
Imagem 2- Poligonais de Tombamento, 2010.....	30
Imagem 3- Parte frontal da Instituição, 2017	32
Imagem 4- Túnel sob a Serra da Viração, 1922.	32
Imagens 5 e 6- Estação de Bananeiras nos anos de 1922 e 1925	33
Imagens 7, 8, 9 e 10- Complexo da Estação 1990 e 2017.....	34
Imagem 11- Quadro exposto no MSC do Dr. Desembargador Simeão Cananéia	36
Imagens 12 e 13- Sala de Apresentação	41
Imagens 14 e 15- Área central	41
Imagens 16 e 17- Sala de objetos antigos.....	42
Imagens 18 e 19- Sala de artesanato.....	42
Imagem 20- Sala de multimídia	43
Imagem 21- Espaço de passagem	43
Imagem 22- Busto do Sólon Barbosa de Lucena.....	44
Imagens 23, 24, 25 e 26- Momentos realizados nas Oficinas	61
Imagem 27 Momentos realizados nas oficinas.....	62
Imagem 28 –Momento da caminhada pelo Complexo da Estação, 2017.....	64
Imagem 29- Momento da apresentação do complexo através da maquete, 2017.....	65
Imagens 30, 31, 32 e 33 -Momento da apresentação dos espaços do museu.....	66
Imagens 34, 35, 36 e 37- Momento da confecção da massinha e suas representações.....	67
Imagens 38, 39, 40, 41 e 42- Jogos confeccionados pela autora.....	68
Imagem 43, 44, 45- Momento dos Jogos e da partilha.....	69

LISTA DE QUADROS

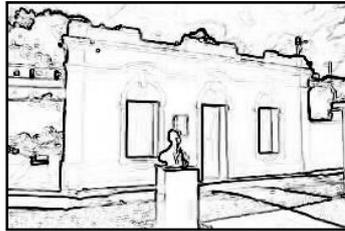
Quadro1 - Fontes Documentais.....	17
Quadro 2 -Os sujeitos entrevistados.....	19
Quadro 3 -Programação para a semana do museu em Bananeiras.....	20
Quadro 4 -Atividades realizadas no estágio	21
Quadro 5 - Etapas para o planejamento de atividades no campo da Educação Patrimonial.....	24
Quadro 6 - Sugestão de atividade.....	55
Quadro 7 - Atividade de observação e registro.....	58
Quadro 8 - Atividade de observação e análise.....	59
Quadro 9 -Atividade sobre um ambiente histórico.....	60

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1- Mapeamento das visitas em 2017.....	46
---	-----------

SUMÁRIO

I Capítulo.....	13
'REMINISCÊNCIAS': MEMÓRIAS SOBRE O DESPERTAR DE UM DESAFIO	13
1.1. Memórias de si: relatando a construção de um objeto de pesquisa.....	14
1.2. Em que chão eu piso? A trilha metodológica de um percurso	17
1.2.1 Metodologia da Educação Patrimonial	22
1.2.2 Percorrendo os trilhos da pesquisa	25
II Capítulo	27
O MUSEU SIMEÃO CANANÉIA: ITINERÁRIOS HISTÓRICOS	27
2.1. O cenário que carrega uma história para a cidade	30
2.2. E ali se funda um Museu!	34
2.2.1 Conhecendo Internamente o MSC.....	40
III Capítulo.....	49
O (RE)PENSAR DAS ATIVIDADES NO MSC: Lançando novas possibilidades pedagógicas	49
3.1. O museu como um lugar de educação e memória	49
3.2. E o que tem no museu hoje?	53
3.3. O Museu e a escola: uma relação possível!	56
3.4. Por uma nova pedagogia de olhar/visitar o Museu	58
3.5. Um passeio ao Museu: "Oficina: Um Museu de cores, um Museu de vida!"	63
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	70
REFERÊNCIAS	72
APÊNDICES	75
ANEXOS	82



I Capítulo

'REMINISCÊNCIAS': MEMÓRIAS SOBRE O DESPERTAR DE UM DESAFIO

1.1. *Memórias de si*: relatando a construção de um objeto de pesquisa

A memória é um fenômeno sempre atual, um elo vivido no eterno presente.

(Pierre Nora)

Ao longo da vida acumulamos memórias boas, ruins, saudosas...algumas marcam nossa trajetória cunhando parte do que somos. Durante uma vida, lembranças vão sendo adormecidas no passado e no presente, vínculos vão sendo esquecidos, e a memória, por sua vez, é o que nos mantém conectados com o passado. É o que nos lembra Pierre Nora em um de seus livros quando aponta a contemporaneidade da memória, uma vez que é por meio dela que evocamos experiências vivenciadas, lugares e espaços conhecidos, salvaguardando uma história, um passado e uma identidade.

A temática definida para este trabalho me proporcionou¹ um retorno as minhas memórias sobre o primeiro museu que conheci em 2012. Lembro-me a rica experiência escolar que tive ao visitar o 'Museu Pedro Américo' e o 'Museu Regional', situados na cidade de Areia/PB. Caminho pelas lembranças e me vejo conhecendo uma história que até então não era minha, mas que se conecta a mim a medida que me deparo com seus elementos históricos, traços e artefatos que falam de um lugar e de um alguém que passa a manter comigo alguma vinculação. Foi o que pensei ao adentrar as portas do museu e acessar uma história que também se tece a minha, lembranças deleitáveis que tenho desta experiência e que também permeiam minha memória.

Aprioria motivação de pesquisar sobre este tema surgiu também de uma inquietação gerada pela minha orientadora, que me instigou para a possibilidade de trabalhar com a Educação Patrimonial dentro de um espaço de educação não formal, mais especificamente o Museu Simeão Cananéia (MSC), localizado na cidade Bananeiras. Estando como coordenadora do projeto de extensão -“A Educação Patrimonial em Bananeiras: Uma Articulação Integrada entre a História, a Memória e a Cidade”², minha orientadora me oportunizou compor a equipe formadora. O encontro com esta temática e as reuniões para o planejamento do que foi denominado de "I Ciclo de oficinas em Educação patrimonial de

¹ Algumas colocações deste texto inicial foram trazidas em primeira pessoa, por se tratarem de experiências individuais.

² O projeto, vivenciado no ano de 2017, corresponde a um edital lançado pela UFPB - do Programa UFPB NO SEU MUNICÍPIO – EDUCAÇÃO, ARTE E CULTURA, e tinha o intuito de trabalhar com graduandos/as e professores da educação básica do município, por meio de oficinas temáticas, a perspectiva da educação patrimonial.

Bananeiras"³, representou uma experiência riquíssima em conhecimento, desde as reuniões de formação à vivência das oficinas com professores da educação básica.

As oficinas aconteceram em oito encontros semanais, e foram planejadas de forma a discutir a Educação Patrimonial de Bananeiras de forma lúdica e atrativa, levando a momentos de reflexão e sensibilização do olhar em torno do que é histórico na cidade. Minha participação esteve mais especificamente centrada nas Oficinas de número 2 - "Brincando e aprendendo: O olhar e suas representações" e 7. "Produção de jogos para o trabalho da Educação Patrimonial com crianças". Nelas discutimos os conceitos de 'memória' e de 'representação', assim como voltamos o nosso olhar para refletir sobre o Museu como um espaço educativo.

Estas experiências me ofertaram ideias para pensar sobre a educação não formal e as possibilidades pedagógicas que uma ida ao museu pode despertar. Inicialmente foi um desafio tomar este tema como foco desta monografia, pois até então não conhecia o Museu Simeão Cananea, mesmo morando numa cidade vizinha a Bananeiras - Solânea. Não tinha ideia do que poderia pesquisar (estudar) neste espaço. Porém, após a participação no projeto passei a percebê-lo como um lugar fortuito para a produção de saberes em espaços educativos não formais. Me senti motivada em trabalhar essa temática, pois também percebi a carência de atividades educativas lúdicas que podiam ser desenvolvidas com o público infantil nas visitas que este espaço recebe. Afinal, como aponta Araújo (2012, p.25),

Os 'lugares de memória', como os museus, assim como outros espaços educativos não formais, são produtores de saberes próprios, produtos da experiência social e cultural, da memória, gerados em espaços que também educam, pois tem a intenção não só de guardar a memória, mas construí-la e transmiti-la, logo, ensinando, educando os visitantes e/ ou usuários.

Nesta compreensão, a existência do lúdico no museu nos permite torná-lo atrativo e dinâmico, potencializando seus recursos nas mais diversas linguagens, com vistas a atender também ao público infantil. Pensar este espaço como um lugar educativo é direcionar e dar forma a determinadas práticas escolares e não escolares, construindo novos saberes e olhares a partir de um fortalecimento identitário, uma vez que ele traz a tona o passado e o torna próximo das gerações atuais. Além de gerar entusiasmo aos visitantes, as atividades propostas

³Estas oficinas foram realizadas no período entre 06/09 à 10/11 do ano de 2017, e atuavam com as seguintes temáticas: 1. Descobrimos Valores: o saber e o sabor da história; 2. Brincando e aprendendo: O olhar e suas representações; 3. Cine Patrimônio: conhecendo o patrimônio da cidade; 4. Fotos novas e antigas: conferindo uma visão sobre as mudanças; 5. Dar voz à história viva; 6. Construindo um inventário participativo; 7. Produção de jogos para o trabalho da Educação Patrimonial com crianças e 8. City-Tour: Circuito do saber.

pela Educação Patrimonial induzem a reflexão da história local, auxiliando o conhecimento e a divulgação de uma memória social⁴ (atrelada ao acervo museológico) ligada às coisas e às pessoas da cidade.

Desta forma, o presente estudo traz como objetivo geral discutir o Museu Simeão Cananéia (MSC), como um "lugar de saber e de educação do olhar". Neste sentido, traçamos como objetivos específicos: 1. discorrer sobre a história do MSC, desde do prédio em que está situado a sua criação institucional; 2. discutir o espaço museológico como um ambiente de educação não-formal e patrimonial; 3. Construir propostas didáticas que possam auxiliar no desenvolvimento do Museu como um espaço dinâmico e atrativo para as crianças. Ao vivenciar esta pesquisa, assim denominada como participante, acreditamos ter auxiliado este espaço por meio da vivência de uma proposta pedagógica que intenta em aproximar o museu da escola.

Foi perseguindo as seguintes indagações que problematizamos a temática deste trabalho: Como tornar o museu um espaço interativo para os visitantes? Como este espaço que carrega uma memória coletiva pode despertar o desejo de seus habitantes em conhecer e em se sentir parte da história da cidade? Como a escola pode trabalhar a Educação Patrimonial através do Museu? Estas questões ganharam escopo ao longo de nossa pesquisa, grande era o desejo em respondê-las e em apresentar soluções para cada uma delas. Esta foi nossa pretensão! Mas, acreditamos ter apontado sinalizações, princípios que podem gerar outros trabalhos que investiguem o MSC.

É bem verdade que muitas foram às dificuldades encontradas na construção desta pesquisa, descobrir informações e documentos pertinentes ao MSC não foi uma tarefa fácil. A própria instituição/criação do MSC parece ser desconhecida para as Secretarias municipais que dele cuidam. Muitos foram os “nãos” recebidos ao longo do caminho e a falta de arquivamento e organização do patrimônio documental da cidade acabou se revelando num problema significativo para a condução desta pesquisa. Após inúmeras "andanças", idas e vindas à Secretaria de Educação e a Secretaria de Cultura e Turismo, conseguimos entrelaçar uma história para o MSC, parte de uma tela que ainda carece de muitas pinceladas e contornos. Mas, para uma pesquisadora iniciante cada achado significava um estímulo a mais para prosseguir tecendo e registrando.

Através desses passos introdutórios convidamos o leitor a se acomodar confortavelmente e a embarcar no vagão desta narrativa para, cujo ponto de partida são as

⁴Este conceito carrega uma definição polissêmica, mas aqui utilizamos no sentido de local, atrelada a sociedade bananeirense.

páginas que assinalam os passos teóricos e metodológicos para a confecção deste texto, com desembarque agendado na construção de uma história e de mais uma memória para o Museu Simeão Cananéia.

1.2. *Em que chão eu piso? A trilha metodológica de um percurso*

Tal como é uma visita ao museu, este trabalho trilhou por caminhos que estruturam o olhar e organizam os pensamentos. Ele se ancora numa abordagem qualitativa, pois é um estudo que leva em consideração a memória e as sensibilidades históricas, dados não passíveis de mensuração estatística, articulando-se teórico e metodologicamente a educação patrimonial, um “[...] processo permanente e sistemático de trabalho educacional centrado no Patrimônio Cultural como fonte primária de conhecimento e enriquecimento individual e coletivo” (HORTA; GRUNBERG; MONTEIRO, 1999, p. 4).

Além de se constituir como uma pesquisa participante, que é entendida segundo Gil (1999, p. 31), “[...] pelo envolvimento dos pesquisadores e dos pesquisados no processo de pesquisa”, nosso trabalho ainda tem um caráter histórico-documental, uma vez que atenta a analisar e apreciar documentos referentes à história em que se localiza a instituição “Museu Simeão Cananéia”. Lakatos (2003, p.174), ainda define esse embasamento documental “[...] na coleta de dados restrita a documentos, escritos ou não, constituindo o que se denomina de fontes primárias. Estas podem ser feitas no momento em que o fato ou fenômeno ocorre, ou depois”.

Como toda pesquisa que carrega esta especificidade, o garimpo de nossos dados se deu por meio da consulta de documentos históricos, da aplicação de questionários e do registro das participações nas visitas e nas atividades desenvolvidas no cenário objeto de estudo.

Neste âmbito, se constituíram como nossas fontes documentais:

Quadro 1: Fontes Documentais

FONTES DOCUMENTAIS
Lei Municipal da Instituição do MSC N° 381/2007
Regimento Interno do MSC (2015)
Livro de Assinaturas do MSC (2014)
Inventário: Acervo exposto e Reserva técnica do MSC (2017)
Decreto de Tombamento do patrimônio histórico da cidade de Bananeiras N° 31.842/2010
Livros de Memória:

Bananeiras: sua História, seus valores (1997)
Bananeiras Uma visão do Passado (2016)
Vídeo- “Contadores de histórias”
Relatório do Estágio Supervisionado das alunas: Simone Galdino Costa e Maria Aparecida da Silva Farias - UFPB, Campus III (2017)

Fonte: Quadro produzido pela autora, 2017.

Tais fontes documentais são consideradas segundo Prado (2010, p. 124), como aquelas que podem “[...] ser encontradas em arquivos, bibliotecas e em departamentos vinculados aos órgãos públicos que mantenham a prática do arquivamento de documentos”. No campo da história da educação, no qual este texto dialoga, as fontes são a matéria-prima do pesquisador, vestígios que narram um passado e que o fazem conhecido e rememorado.

Ainda para compor nossos dados, trabalhamos com a aplicação de questionários mistos⁵, que foram produzidos especificamente para grupos distintos. Segundo Gil (1999, p.128), esta “[...] técnica de investigação está composta por um número mais ou menos elevado de questões apresentadas por escrito às pessoas, tendo por objetivo o conhecimento de opiniões, crenças, sentimentos, interesses, expectativas, situações vivenciadas etc.”. Tais questionários foram aplicados para dois grupos: 1. o primeiro denominado por nós como 'Grupo A' composto por 4 professoras participantes (docentes da rede municipal de ensino) e 2 alunas graduandas do curso de Pedagogia do Campus III-UFPB; 2. O 'Grupo B' esteve constituído pela ex-prefeita do município de Bananeiras-PB, Marta Ramalho Leite, pelo auxiliar técnico administrativo do MSC, Jaime de Oliveira Souza e por uma representante da Secretaria de Educação - a docente Josinalva Maia Martins.

O questionário aplicado ao Grupo A⁶, foi realizado durante a participação no 'I Ciclo de Oficinas: Educação Patrimonial de Bananeiras', e estava organizado por 2 perguntas fechadas e 3 abertas. Elas objetivavam refletir se as professoras já tinham utilizado o MSC como espaço para sua prática docente, a partir dos pressupostos da educação patrimonial. Como mencionamos anteriormente, as oficinas priorizavam a formação de multiplicadores da preservação e do reconhecimento histórico do patrimônio cultural da cidade de Bananeiras, principalmente dentro do âmbito escolar. Nesta direção, trabalharam com um público de 22 pessoas, entre elas professoras da educação básica e discentes do curso de Pedagogia da

⁵Para a utilização dos dados obtidos pelos questionários, obtivemos autorização dos participantes por meio do termo de consentimento que se encontra no Apêndice 1, página 76.

⁶ Confira o roteiro do questionário aplicado às professoras no Apêndice 5, página 79.

UFPB/ Campus III. Deste grupo, responderam nosso questionário apenas 4 professoras e 2 graduandas.

Os questionários aplicados ao Grupo B⁷ se dividiram em três formatos, sendo o 1º realizado com o diretor do Museu, contendo 7 perguntas abertas. Este questionário⁸ tinha o propósito de esmiuçar as especificidades administrativas e de organização do museu. O 2º questionário foi pensado com o intuito de investigar a criação do MSC durante a gestão da ex-prefeita Marta Ramalho Leite, entre os anos 2005 a 2012, que compreenderam seus dois mandatos. A escolha por esse sujeito de pesquisa se deu pelas ações de valorização voltadas para o patrimônio histórico da cidade durante sua gestão. Em sua administração ocorreu o tombamento do Centro Histórico de Bananeiras (Decreto Nº. 31.842/2010) pelo IPHAEP e a criação do Museu Municipal Simeão Cananéia (Decreto Nº. 381/2007), fruto de uma parceria entre a prefeitura, o Ministério da Cultura e o IPHAN, sendo estes últimos órgãos responsáveis pela fiscalização do patrimônio histórico da união.

Tal questionário foi aplicado via correspondência eletrônica (enviado por *email*), único caminho que encontramos como possível para esta coleta de dados. Composto por 7 perguntas abertas, este instrumento direcionava questões acerca da fundação do Museu, da escolha de seu nome, a partir da homenagem rendida a Simeão Cananéia. O 3º e último questionário foi realizado com a representante da Secretaria de Educação⁹. O instrumento foi organizado com 6 perguntas abertas, as quais abordaram indagações relacionadas ao surgimento do MSC, sua história, constituição do acervo e vinculação institucional.

Quadro 2- Sujeitos entrevistados

SUJEITOS	FORMAÇÃO	IDADE	PROFISSÃO
Jaime de Oliveira Souza	Historiador	35 anos	Auxiliar técnico-administrativo/ Diretor do Museu
Marta Eleonora Aragão Ramalho	Pedagoga	71 anos	Ex prefeita/ Aposentada
Ana Karla Oliveira da Silva	Pedagoga	35 anos	Professora
Tatiane da Conceição Félix de Lima	Pedagoga	29 anos	Estudante
Antoniana Alves de Melo	Pedagoga	35 anos	Professora
Denize Bezerra da Silva	Pedagoga	37 anos	Professora

⁷ Confira o roteiro do questionário aplicado à ex-prefeita no Apêndice 2, página 77.

⁸ Confira o roteiro do questionário aplicado ao administrador do museu no Apêndice 3, página 78.

⁹ Este questionário foi aplicado com a docente da Secretaria, tendo em vista as inúmeras visitas sem sucesso que realizamos a procura do Secretário de Educação. Confira o roteiro deste questionário no Apêndice 4, página 78.

Monteiro			
Fernanda Santos da Cruz	Graduanda em Pedagogia	23 anos	Estudante
Josinalva Maia Martins	Pedagoga	69 anos	Professora

Fonte: Quadro produzido pela autora, 2017.

Nossa coleta de dados ainda se deu por meio de várias visitas realizadas ao MSC, a primeira delas na Semana dos Museus¹⁰ (em sua 15ª edição) tendo como tema: “Museus e histórias controversas: dizer o indizível em museus”. Esta comemoração teve como referência a orientação de atividades sugeridas pelo IBRAM, mas tornar-se válido destacar que cada instituição museológica criou a sua própria programação, estando o MSC com o planejamento das seguintes atividades:

Quadro3: Programação da Semana do Museu em Bananeiras

PROGRAMAÇÃO PARA A SEMANA DO MUSEU
1- FAZER UM CONVITE OFICIAL PARA AS ESCOLAS
2-EXPOSIÇÃO DOS ACERVOS QUE SE ENCONTRAM NO MUSEU- contar a histórias das peças e por quem foram doadas.
3- CONCURSOS DE CARTAZES SOBRE O TEMA
4-VISITAÇÃO AO CASARÃO OU ENGENHO DA RAINHA
5-PALESTRA COM PROFESSOR DE HISTÓRIA SOBRE O TEMA
6-EXIBIÇÃO DE FILMES RELACIONADOS COM MUSEUS- “O ciclo da cana de açúcar”
7- OFICINAS SOBRE O CICLO DA CANA DE AÇÚCAR-Fazer maquetes
8- APRESENTAÇÃO DE CAPOEIRA- DANÇA AFRO
9-FAZER DIVULGAÇÃO DA “SEMANA DO MUSEU”

Fonte: Quadro produzido pela autora, com base nas informações cedidas pela Vice-diretora do Espaço Cultural Oscar de Castro (2017).

Esta programação visava contemplar atividades que relacionassem a história da cidade com o acervo do Museu, no entanto muitas delas não foram realizadas, estando o Museu apenas aberto a visitas como acontece cotidianamente. No entanto, salientamos que nestes dias existia a participação do guia turístico local, que explanava a história da cidade. Observamos ainda que elas estão desconexas e não partiam de uma matriz pedagógica que centralizasse todas as atividades no espaço do Museu, sendo ele o foco e a temática a ser discutida. Estes fatores corroboram com a nossa reflexão de que o MSC necessita de um olhar pedagógico que reflita a educação (inclusive patrimonial) proporcionada por este espaço, potencializando sua utilização dentro do âmbito da educação não formal.

¹⁰Realizada entre os dias 15 à 21 de maio 2017.

Nesta ocasião, fazíamos parte como colaboradores do estágio supervisionado em educação não formal¹¹. Acompanhávamos 2 alunas da graduação que realizavam seu estágio no MSC. Juntamente com elas estivemos atentas as atividades que estavam sendo propostas na programação desta semana comemorativa. Neste ensejo, as alunas realizaram algumas atividades interventivas, que apontamos no quadro a seguir:

Quadro 4: Atividades realizadas no estágio

ATIVIDADES DE ESTÁGIO REALIZADAS
Convite para semana dos Museus a ser distribuído nas escolas
Levantamento do Acervo Museológico
Produção de Banners para divulgação da Semana dos Museus
Produção de um Folder/Livreto Informativo a ser distribuído aos visitantes
Catálogo e Produção de um Acervo Digital
Consulta em Arquivos na Biblioteca para a produção do Acervo Digital
Passeio Ciclístico- Rota traçada pelos principais lugares da cidade, passando inclusive no museu
Amostra gastronômica de comidas típicas da região no MSC

Fonte:Relatório do Estágio Supervisionado (2017, p.5).

Ainda como fruto das comemorações estava a Exposição Fotográfica "Bananeiras, ontem e hoje", ocorrida no período de 18 a 24 de Setembro, em virtude da 11ª edição da Primavera dos Museus, evento que promoveu de acordo com o Livro de Assinaturas (2014) aproximadamente 166 visitas ao recinto, sendo o maior número de turistas (fator verificado a partir das cidades apontadas nas assinaturas), mas com a presença de poucas escolas¹².

¹¹Referente ao período 2016.2. O estágio supervisionado não formal realizado no MSC pelas alunas Maria Aparecida e Simone Galdino, foi orientado a princípio pela professora Vivian Galdino, que neste período estava a frente da turma. Logo em seguida esta disciplina passaria a ser lecionada pela professora Catarina Gonçalves, que acompanhou a construção do relatório pelas discentes.

¹²As visitas de escolas no ambiente do Museu são registradas no Livro de Assinaturas a partir da identificação da instituição, sem especificação do número de alunos/as.

Imagem 1: Cartaz informativo sobre a “Exposição Fotográfica”, 2017



Fonte: <https://www.facebook.com/museusemeao.cananeia>

Em todas as visitas de observação realizamos anotações, obtidas por meio de conversas informais, que nos tornavam mais próximas deste espaço. Nestas observações foi possível analisar: a recepção dos visitantes e como estes se comportavam neste ambiente; as atividades planejadas e realizadas no Museu, a exibição de vídeos e a exposição do acervo museológico.

1.2.1 Metodologia da Educação Patrimonial

A Educação Patrimonial (EP) é uma abordagem metodológica que favorece aos sujeitos uma melhor compreensão do patrimônio histórico de um determinado lugar, incentivando por meio de atividades educativas a valorização da história, da memória e da cultura. Nesta direção, o museu passa a ser o lugar por excelência de materialização das memórias coletivas próprias de uma localidade, um monumento/memorial que resguarda objetos- alegorias de um passado que se deseja eternizar/ lembrar.

No Guia Básico de Educação Patrimonial Horta, Grunberg e Monteiro (1999, p. 6) declaram que a EP é um instrumento de:

[...] alfabetização cultural que possibilita ao indivíduo fazer a leitura do mundo que o rodeia, levando-o à compreensão do universo sociocultural e da trajetória histórico-temporal em que está inserido. Esse processo elava ao reforço da auto-estima dos indivíduos e comunidades e á valorização da cultura brasileira, compreendida como múltipla e plural. [...] O princípio básico da Educação Patrimonial é a experiência direta dos bens e fenômenos culturais,

para se chegar à sua compreensão e valorização, num processo contínuo de descoberta.

Neste sentido, a educação patrimonial desperta um sentimento de pertencimento nas pessoas em relação ao patrimônio que os cerca, suscitando o entendimento do valor inestimável dos bens materiais e não materiais e o que estes representam para a perpetuação da história da região. A prática educativa orientada por esta metodologia possibilita o resgate identitário da comunidade, mobilizando uma sensação de descoberta e contato com a herança cultural.

Ainda segundo as autoras (Idem, p.6) a EP tem o intuito de "[...] levar crianças e adultos a um processo ativo de conhecimento, apropriação e valorização de sua herança cultural, capacitando-o para um melhor usufruto destes bens e propiciando a geração de novos conhecimentos, num processo contínuo de criação cultural", ou seja, é a partir do contato com os bens culturais que os sujeitos se sentem no dever de preservar espaços que resguardam o legado histórico, como também a oportunidade de construir a consciência crítica e cidadã respeito do patrimônio e da identidade cultural de um lugar.

Nesse contexto, compreendemos que ela se revela como um instrumento pedagógico que se utiliza de espaços patrimoniais/lugares de memória para divulgar informação e produzir conhecimento a respeito da historicidade local, promovendo o diálogo e fortalecendo o envolvimento das pessoas com suas origens.

Sobre isso a CEDUC declara:

[...] a Educação Patrimonial constitui-se de todos os processos educativos formais e não formais que têm como foco o Patrimônio Cultural, apropriação socialmente como recurso para a compreensão sócio – histórica das referências culturais em todas as suas manifestações, afim de colaborar para seu reconhecimento, sua valorização e preservação (IPHAN, 2014, p.19).

Deste modo, a educação patrimonial tem como pretensão ensinar/sensibilizar o sujeito, educando seu olhar em espaços formais ou não formais para a relevância de se conhecer e preservar os bens culturais. Neste sentido, ela desperta uma relação afetuosa entre o sujeito e o patrimônio cultural, a partir do estabelecimento de um vínculo que o torna próximo, conhecido e integrante da história dos habitantes da cidade. Nesta medida, ela ensina aos cidadãos a história carregada/talhada nos espaços, acervos, arquivos e prédios históricos edificados.

Acerca dos processos educacionais formais e não formais ofertados por esta metodologia, o IPHAN (Idem, p.19) declara que:

Todas as vezes que as pessoas se reúnem para construir e dividir conhecimentos, investigar para conhecer melhor, entender e transformar a realidade que as cerca estão realizando uma ação educativa. Quando tudo isso é feito levando em conta algo relativo ao patrimônio cultural, então se trata de Educação Patrimonial.

A partir desta citação se entende que a educação patrimonial pode acontecer em diversas instâncias, em espaços culturais edificados como centros históricos, sítios arqueológicos, monumentos e museus, mas também pode estar presente nas vivências das pessoas, nas organizações da comunidade civil, no cotidiano e na escola. Independente do lugar onde aconteça, suas ações se dirigem a formar a postura cidadã das pessoas frente ao que é histórico e cultural.

Por isso, Horta (2000) endossa que a EP pode ser considerada uma ação social, que traz o anseio de ativar a memória das pessoas, as relações deslembradas, a preservação de uma história coletiva que deve ser partilhada, conduzindo ao reavivamento de uma identidade local. Ainda de acordo como Guia de Educação Patrimonial(1999), para atingir tais aspirações é necessário o planejamento das atividades e dos estudos sobre o patrimônio, estruturando estas discussões em etapas metodológicas, tais como: a observação, o registro, a exploração e a apropriação:

Quadro 5 – Etapas para o planejamento de atividades no campo da Educação Patrimonial

ETAPAS	RECURSOS/ATIVIDADES	OBJETIVOS
1- Observação	Exercícios de percepção visual/sensorial, por meio de perguntas, manipulação, experimentação, mediação, anotações, comparação, dedução, jogos de detetive.	Identificação do objeto/ função/ significado; Desenvolvimento da percepção visual e simbólica.
2- Registro	Desenhos, descrição verbal ou escrita, gráficos, fotografias, maquetes, mapas e planta baixas.	Fixação do conhecimento percebido, aprofundamento da observação e análise crítica; Desenvolvimento da memória, pensamento lógico, intuitivo e operacional.
3- Exploração	Análise do problema, levantamento de hipóteses, discussão, questionamento, avaliação, pesquisa em outras fontes, como bibliotecas, arquivos, cartórios, instituições, jornais, entrevistas.	Desenvolvimento das capacidades de análise e julgamento crítico, interpretação das evidências e significados.
4- Apropriação	Recriação, releitura, dramatização, interpretação em diferentes meios de expressão como pintura, escultura, drama, dança, música, poesia, texto, filme e vídeo.	Envolvimento afetivo, internalização; Desenvolvimento da capacidade de auto-expressão, apropriação, participação criativa, valorização do bem cultural.

Fonte:Horta,Grunberg e Monteiro(1999, p.9).

Neste quadro as autoras apontam as ações e os objetivos de cada fase do planejamento da educação patrimonial, todas elas possuem um direcionamento que conduz o sujeito a construção de um conhecimento patrimonial. Estas fases nos auxiliaram a refletir o MSC como um espaço privilegiado em provocar sensações que aguçam sentidos, tais como o (re)encontro com objetos que já foram utilizados por familiares, dotados de simbologia e memória. Estas etapas ainda nos orientaram na intervenção realizada no Museu, melhor apresentada no terceiro capítulo deste trabalho.

1.2.2 Percorrendo os trilhos da pesquisa

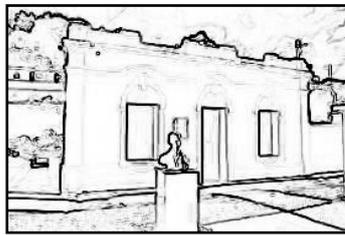
Com estes apontamentos iniciais convidamos o leitor a caminhar pela estrutura organizativa que concebemos para este texto. O trabalho está estruturado em três capítulos, o primeiro nomeado como “**REMINISCÊNCIAS: Memórias sobre o despertar de um desafio**”, que traz aspectos introdutórios sobre a confecção deste trabalho, situando o leitor no contexto da pesquisa. Dividido em dois itens, sendo respectivamente o **1.1. Memórias de si**; **1.2. Em que chão eu piso? A Trilha de um percurso**; este subdividido em **1.2.1 Metodologia da Educação Patrimonial**. Neles discorremos sobre a construção de nosso objeto de pesquisa, desde a motivação pelo tema de pesquisa ao aporte-teórico metodológico utilizado no presente trabalho.

O segundo capítulo, intitulado de “**O MUSEU SIMEÃO CANANÉIA - Itinerários históricos**” está organizado também em dois tópicos: **2.1. O cenário que carrega uma história para a cidade**; **2.2. E ali se funda um Museu!** Este se subdivide em mais dois itens, **2.2.1 Conhecendo Internamente o MSC** e **2.2.2 As mãos que lá trabalham**. Neste capítulo, procuramos evidenciar Bananeiras e seu patrimônio histórico, situando o MSC como parte integrante do complexo arquitetônico tombado recentemente na cidade. A partir deste passo, conduzimos a produção de um texto pautado a melhor conhecer o MSC e suas representações.

O terceiro capítulo, denominado “**O (RE)PENSAR DAS ATIVIDADES DO MUSEU: Lançando novas possibilidades pedagógicas**”, se estrutura em cinco itens, distribuídos nessa ordem: **3.1. O museu como um lugar de memória e de educação**; **3.2. E o que tem no museu hoje? Apontamentos de uma visita ao museu**; **3.3. O Museu e a escola: uma relação possível!**; **3.4. Por uma nova pedagogia do olhar/visitar o Museu** e **3.5. Um Passeio ao museu! “Oficina: Um Museu de Cores, Um Museu de vida!”**. Nestes itens

convidamos o leitor a uma aula-visita no MSC, aonde abordamos a discussão do museu como um espaço educativo. Neste tópico apresentamos as atividades que são realizadas pelo MSC atualmente e as contribuições que poderíamos deixar a este espaço com a produção desta pesquisa, auxiliando as possibilidades de potencializá-lo como um ambiente dinâmico e educativo.

É a partir desta rota traçada que o trem dá partida, carregado de memórias e de histórias. Convidamos o leitor a não apenas acompanhar esta narrativa, mas a embarcar conosco nesse trajeto pelo tempo em busca do MSC, informamos que a cada parada novas sensações podem ser despertadas. Então avante, que o apito da maria fumaça já ecoa, soando a partida!



II Capítulo

O MUSEU SIMEÃO CANANÉIA: ITINERÁRIOS HISTÓRICOS

A vida é nosso primeiro patrimônio e com ela adquirimos tudo o que somos
(Evelina Grunberg)

Quando falamos em patrimônio logo vem a tona a representatividade dos bens edificados, dos sítios arqueológicos, dos centros históricos, lugares sacros, monumentos grandiosos... Mas Grunberg(2007) inicia sua discussão sobre patrimônio elegendo a vida como o nosso primeiro patrimônio! Que vida seria essa? Seria simplesmente a vida que conhecemos, vivida de modo simples, tão somente, aquela que move nossa existência, ou ainda parafraseando Gonzaguinha em umas suas canções¹³ “é uma gota, é um tempo”! E é através dessa gota e nesse tempo que compartilhamos no mundo nossas experiências, modos de viver, registros de hábitos e culturas, experiências e memórias também salvaguardadas por um Museu.

Sendo a vida um patrimônio, o que dizer dos objetos, das edificações tombadas, dos registros fotográficos arquivados que por si só contam as marcas de um passado? É nesta direção que o presente capítulo pretende historicizar o Museu Simeão Cananéia, a começar pelas paredes que o cercam e as representações simbólicas que elas carregam para a cidade Bananeiras-PB. É bem verdade que o leitor encontrará lacunas nesta história que iremos tecer, resultado do pouco tempo e dos imprevistos que se sucederam no decorrer da nossa pesquisa, mas a história é composta assim, de vazios que permitirão que novas investigações aconteçam. Desta vamos, comecemos nossa viagem!

A cidade de Bananeiras está localizada no estado da Paraíba. Possui 185 anos de emancipação política e é conhecida pela sua identidade histórica, fortemente marcada em suas tradições ligadas ao plantio do café. Sua história, retratada nos seus belos casarões, compõe um complexo arquitetônico significativo, que soma-se a sítios arqueológicos, ambientes onde viveram os índios tarairiús¹⁴. Bananeiras ainda carrega reminiscências de uma época passada, exalando cultura. Silva (2016, p.42-43) assim descreve a cidade:

Bananeiras, por se considerar uma cidade histórica, traz construções centenárias ainda preservadas, se destacando entre as ruas enlameadas, praças e avenidas, prédios públicos e monumentos que retratam um passado dos senhores coronéis, donos de imensos cafezais e engenhos, berço de importantes figuras que se destacaram através dos conhecimentos adquiridos nas boas escolas da localidade,

¹³Canção: O que é, o que é?. Composição de Gonzaguinha. Para deleite confira a plataforma: <<https://www.lettras.mus.br/gonzaguinha/463845/>>

¹⁴Os **tarairiús** foram um grupo indígena que habitava os estados brasileiros do Rio Grande do Norte, Ceará, Paraíba e Pernambuco. Residiam na região da caatinga, nas ribeiras de rios como Jaguaribe, Apodi, Piranhas-Açu, Sabuji e Seridó, nos vales onde se desenvolveu a guerra do Açu. Foram também chamados de otuacaianas. Fonte: <<https://pt.wikipedia.org/wiki/Tarairi%C3%BAAs>>

merece ser enaltecida e admirada por todos seus filhos e aqueles que passam a usufruir de suas benesses.

Essa suntuosa história, registrada nos livros de memória dos filhos da cidade, mas também daqueles que a escolheram para morar, ainda é significativamente desconhecida por seus habitantes. Atualmente inúmeros são os conflitos que cercam a preservação de seu patrimônio arquitetônico, uma história edificada que não parece ter vínculo com os sujeitos da cidade¹⁵.

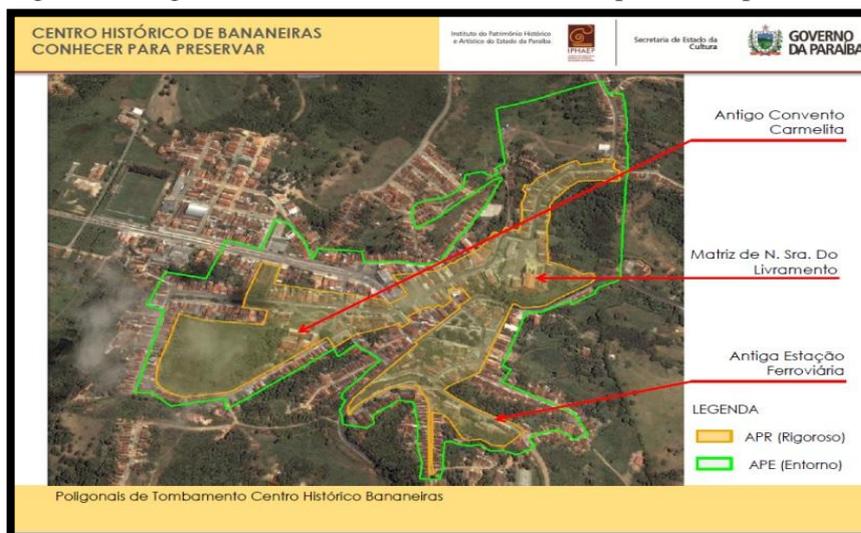
Oriundos do destaque turístico que tem adquirido a cidade, dado principalmente pelo seu enfoque histórico, esses conflitos se originam no desejo de expansão do comércio, principalmente na oferta dos serviços de hotelaria e turismo, elementos que têm gerado mudanças arquitetônicas em suas edificações. Para preservação desse patrimônio histórico-cultural o IPHAEP, juntamente com a prefeitura municipal (durante a gestão de Marta Ramalho), tombou o Centro Histórico da cidade, por meio do Decreto estadual N°. 31.842/2010. Em seu Art.1º, expõe o Decreto (2010):

Fica homologada a Deliberação N° 0021/2010 do Conselho de Proteção dos Bens Históricos Culturais- CONPEC do IPHAEP, na 1099 Sessão ordinária realizada em 30 de junho de 2010; Declaratória do Tombamento; da delimitação da poligonal de proteção rigorosa e de entorno; classificação quanto ao grau de preservação dos imóveis e orientações técnicas normativas do Centro Histórico da Cidade de Bananeiras, Paraíba pela sua importância cultural, histórica, política e arquitetônica.

De acordo com o que prevê este artigo, a proteção mais rigorosa do patrimônio se concentra no centro da cidade, como expõe o mapa a seguir. Conforme podemos observar na imagem a parte demarcada pela cor laranja compõe o polígono rigoroso do tombamento, e é nela que se encontra a Antiga Estação Ferroviária da cidade, local em que se situa o MSC.

¹⁵Inúmeros são os processos movidos pelo IPHAEP em busca da penalização pela destruição do patrimônio arquitetônico da cidade.

Imagem 2: Polígono de Tombamento de Bananeiras, produzido pelo IPHAEP



Fonte: Arquivo do Grupo de Pesquisa HEBP, 2017.

Conforme podemos observar na imagem, a parte demarcada pela cor laranja compõe o polígono rigoroso do tombamento, e é nela que se encontra a Antiga Estação Ferroviária da cidade, local em que se situa o MSC. É sobre ela que nos deteremos a seguir.

2.1. O cenário que carrega uma história para a cidade

Imagem 3 : Parte frontal do MSC, 2017



Fonte: <<https://www.facebook.com/museusemeao.cananeia>>

O prédio onde atualmente está localizado o Museu Municipal Desembargador Simeão Cananéia pertence ao conjunto arquitetônico da Estação Ferroviária, que está constituído pelo Túnel da Viração, o antigo armazém (onde atualmente se encontram os quartos da Estação

Bananeiras Pousada), a plataforma de embarque e desembarque (atualmente Restaurante e recepção da pousada) e a casa do fiscal (espaço onde se situa propriamente o Museu Simeão Cananéia). Tais edificações possuem características provenientes do estilo eclético¹⁶, predominante também nas demais construções da cidade.

Também conhecida como Vila Ferroviária de Bananeiras, o Complexo Arquitetônico da Estação resguarda uma parte importante da memória da cidade de Bananeiras, a começar pela produção cafeeira, fator que corroborou na necessidade de construção deste espaço em meados de 1922. De acordo com Paulino¹⁷:

A estação de trem só foi inaugurada 72 anos depois, quando a economia cafeeira já havia entrado em declínio em decorrência da praga do bicudo (*Cerococusparaibensis*) que contaminou as plantações no ano de 1923. A edificação da estação foi concluída em 1922, no entanto só em 1925 foi inaugurada a estação ferroviária de Bananeiras pela Great Western. A estrada na época se chamava E. F. Independência ao Picuhy, e deveria ligar a estação de Independência (hoje Guarabira), saindo pela estação de Itamataí, na linha Norte da Great Western, à localidade de Picuhy. Foram 15 anos para construção de 35km, onde para isso foi necessária a construção de um túnel de 202m para que o trem que oriundo de Camucá, atual município de Borborema, chegasse a Bananeiras. (2007, p.36)

Apesar da construção da Estação, o trem jamais chegaria ao seu ponto final, que como aponta a citação acima seria a cidade de *Picuhy*. Ainda acerca da sua construção da malha ferroviária, Silva (1997, p.34) assinala que:

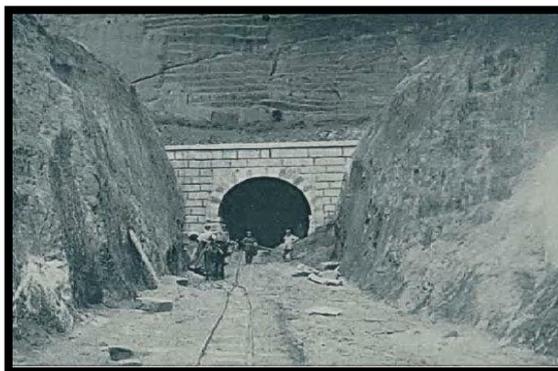
[...] de início, a via férrea chegou no túnel, construído sob a serra de Viração, passando entre gargantas de serra e várzeas. Com muita dificuldade, os engenheiros conseguiram ultrapassar as encostas e pântanos na região, cujo trecho foi inaugurado em 22 de Setembro de 1922.

O túnel a que o autor faz referência ganharia o nome de Viração, em referência a Serra, e é apresentado na imagem que se segue:

¹⁶ "O Eclétismo foi um estilo arquitetônico que teve início no Brasil no final do século XIX e perdurou até as primeiras décadas do século XX. É basicamente a mistura de estilos arquitetônicos que exibiam elementos da arquitetura clássica, gótica, barroca e neoclássica". Fonte: <<https://archiibrazil.wordpress.com/arquitetura-eclética/>>. Acesso em 12/12/2017.

¹⁷Paulino (2007) menciona a construção da ferrovia de Bananeiras em seu trabalho monográfico intitulado: Um olhar elementar sobre a Cidade de Bananeiras–PB.

Imagem 4:Túnel sob a Serra da Viração, 1922.



Fonte: <<http://historiaferroviariaparaibana.blogspot.com.br/2016/03/>>

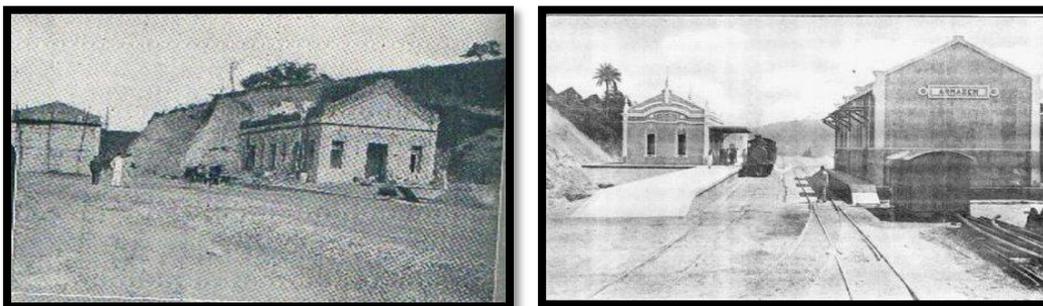
Tal como as demais cidades da Paraíba, como Campina Grande, a chegada do trem simbolizaria em Bananeiras o desenvolvimento do comércio, dando condições para um melhoramento na renda econômica dos seus habitantes, pela velocidade que ganharia o transporte de cargas e informações. Sobre isso:

Bananeiras, face à vinda do trem, prosperou em todos os sentidos: comercial, educacional e agroindustrial, enfim, contribuiu bastante para que seu povo desenvolvesse no aspecto sócio-econômico que a cidade podia oferecer. As indústrias de fumo, cisal, algodão, da cana-de-açúcar, a agropecuária tinham seu transporte certo para o mercado consumidor. Toda a produção agrícola: do café, da banana, verduras e cereais eram transportados para os armazéns, através do trem. A população também se beneficiava, locomovendo-se para os mais diversos destinos. (SILVA, 1997, p.34 e 35).

De acordo com Santos¹⁸ (2015) a construção da estação ferroviária possibilitaria ainda o aumento no fluxo entre os moradores da cidade e da região, como também fez com que o comércio prosperasse, promovendo o surgimento de novas relações sociais e capitalistas. A chegada do trem e do telégrafo foi fundamental para a economia da região. Além das aspirações sobre a melhoria econômica da cidade, a própria construção destas edificações sinalizavam um aumento do número de pessoas empregadas, envolvidas nas articulações e negociações que envolviam obras deste porte à época.

¹⁸ Santos (2015) faz menção a Ferrovia construída em Bananeiras em seu trabalho dissertativo, intitulado: Educação e trabalho para meninos desvalidos: um estudo sobre o Patronato Agrícola De Bananeiras (1924-1947).

Imagens 5 e 6: Estação de Bananeiras nos anos de 1922 (construção) e 1925 (inauguração)



Fonte: <www.ramalhoteite.com.br>

Mais adiante, de acordo com Paulino (2007, p.34) “o trem deixou de circular pelo ramal de Bananeiras, sendo oficialmente desativado em abril de 1970". Após a finalização de suas atividades, a Estação permaneceria fechada, passando a ser administrada pela Prefeitura Municipal. Apenas nos anos de 1990 é que ela se destinaria ao setor hoteleiro da cidade. Atualmente estas edificações estão voltadas para a economia do turismo, setor que tem ganhado fôlego na cidade¹⁹. O complexo da Estação estaria agora destinado ao funcionamento de um hotel - a Estação Bananeiras Pousada - que recebeu uma reforma.

O Túnel da Viração²⁰ passou a se constituir como um dos pontos turísticos da cidade, já tendo sido espaço para eventos regionais, como o Forró no Túnel, que fez parte da programação junina da cidade durante a primeira gestão da prefeita Marta Ramalho. Já a casa do Fiscal, que no ano de 2009 sediaria o Museu Municipal Simeão Cananéia, teria sido sede para ensaios da Banda da cidade, como também residência para alguns administrados que passaram pela Pousada. Tais edificações são hoje os cartões postais da cidade, representando Bananeiras em eventos, revistas e sites na rede mundial de computadores. Para Silva (2016, p.75):

O complexo que fazia parte da Estação de Bananeiras conserva o mesmo estilo de sua construção, onde a Prefeitura promoveu, junto ao IPHAEP o devido tombamento, que atualmente se encontra preservado e fazendo parte do patrimônio histórico e cultural da cidade, como um restaurante e pousada. Foram criadas praças, museus, mirantes e ampliado o antigo armazém.

Quanto a Pousada, é considerada referência no que tange ao bom convívio com a história, resguardando em sua reforma as características arquitetônicas anteriores. É o que podemos visualizar na imagem que se segue:

¹⁹Bananeiras é parte integrante da trajetória do Caminhos do Frio, Caminhos de Padre Ibiapina e Rota dos Engenhos, eventos que dão base ao ecoturismo da Paraíba. Para saber mais informações sobre o potencial turístico da cidade consultar a monografia "Percepção da População do MUNICÍPIO DE BANANEIRAS-PB sobre GESTÃO PARTICIPATIVA E SUSTENTABILIDADE TURÍSTICA", de José Pedro da Silva.

²⁰Confira a foto atual do Túnel Viração que se encontram no Anexo 1, página 83.

Imagem 7, 8, 9 e 10:Complexo da Estação 1990 e 2017



Fonte: Domínio Público, 2017

As imagens I7 e I9 correspondem a antiga fachada da Estação, já as imagens I8 e I10 condizem com as disposições atuais. Nas imagens identificamos que as mudanças feitas no complexo não o descaracterizaram, estando as adaptações realizadas na utilização de Containers, fator que preservou as linhas originais do prédio. No final deste ano de 2017, para compor a paisagem histórica do Complexo, foi trazido para o complexo uma maria fumaça²¹, elemento decorativo colocado de frente ao restaurante, referenciando o que seria a antiga plataforma de embarque e desembarque.

Na edificação em que se situa o MSC nenhuma alteração foi realizada, estando o prédio com os mesmos traçados originais de sua construção.

2.2. E ali se funda um Museu!

O imóvel construído para ser moradia do agente do trem em 1922 e foi destinado para ser o Museu Municipal na gestão da então Prefeita Marta Ramalho em 2009. O Museu foi criado em parceria com o Ministério da Cultura e com o IPHAN pelo Decreto N° 381/2007.

²¹Como mostra a foto que se encontra no Apêndice 7, na página 81.

Para sua criação a prefeitura também contou com o auxílio do Fundo de Incentivo à Cultura Augusto dos Anjos (FIC)²², que liberou recursos que se destinariam para a restauração do imóvel e a composição do acervo, é o que aponta a ex-prefeita:

O projeto de estruturação e instalação do museu foi aprovado e patrocinado pelo IPHAN, através de edital do Projeto Mais Museus, dentro do Programa "Museu, Memória e Cidadania", e também do FIC-AUGUSTO DOS ANJOS (fundo de cultura estadual). Recebeu também um financiamento do Ministério da Justiça para a restauração do prédio onde foi instalado o Museu. (MARTA ELEONORA RAMALHO ARAGÃO, 2017).

A escolha do espaço onde seria instituído o primeiro museu da cidade tinha que estar atrelada a um prédio que representaria parte da história da cidade, e como algumas edificações do complexo já estavam sob a responsabilidade da Prefeitura Municipal, nada mais propício para sediar o Museu.

O nome que o intitula rende homenagem a um cidadão paraibano pertencente à cidade de Remígio, Simeão Cananéia, personagem que foi referência na área da Educação e do Direito. O regimento interno do Museu, em seu prefácio datado de 13 de Novembro de 2015, versa:

O Museu Desembargador Simeão Fernandes Cardoso Cananeia rende uma homenagem ao grande Paraibano nascido em Remígio em 12 de dezembro de 1920. Tendo-se formado em Direito em Maceió em 1949, fez concurso para juiz de Direito em 1953 assumindo a primeira das quatro comarcas em Santa Luzia no sertão envolvendo-se muito com a educação, alunos e familiares.

Ainda nesta direção, Marta Eleonora Ramalho Aragão (2017) aponta que Simeão Cananéia foi um cidadão admirado pelos seus feitos como juiz da comarca eleitoral de Bananeiras, sendo também presidente da Campanha de Educação de Menores da cidade²³. Para ela, “O juiz Simeão Cananeia, além de juiz era uma animador cultural. Editou um jornal, criou a Campanha de Educação de Menores e usou sua força de juiz para obrigar os pais a matricular seus filhos na escola. Escolhido desembargador nunca perdeu o contato com a cidade”.

²²De acordo com informações encontradas no portal eletrônico na rede “FIC Augusto dos Anjos, é o principal mecanismo de fomento à produção artística e cultural do Estado da Paraíba. Através de patrocínio, o FIC tem por objetivos estimular a formação, incentivar a produção e fomentar a preservação e a difusão dos patrimônios materiais e imateriais da Paraíba”. Disponível em: <<http://www.fic.pb.gov.br/institucional/sobre/>>

²³Bananeiras é sede do Patronato Agrícola Vidal de Negreiros, instituição criada pelo Ministério da Agricultura em 1924 com vistas a educar a infância "desvalida" do Estado. Mesmo se tornando Escola Agrotécnica e a posteriori Colégio Agrícola Vidal de Negreiros, sua matriz pedagógica sempre esteve voltada a educar e profissionalizar os "menores" da cidade. Para um maior aprofundamento desta discussão consultar a dissertação "Educação e trabalho para meninos desvalidos: um estudo sobre o Patronato Agrícola de Bananeiras (1924-1947), de SuellyCinthyaCosta dos Santos.

Pelo que observamos a escolha do nome que intitularia o Museu partiu de uma indicação, sem a consulta popular ou das Secretarias municipais. Deste modo, pelos serviços prestados à cidade de Bananeiras a ex-prefeita decretou a Lei municipal Nº 381, de 20 de Novembro de 2007, que em seu Art. 4º institui o Museu Municipal.

O Museu Municipal de Bananeiras será denominado de “Desembargador Semeão Cananéia”, em homenagem ao ex-juiz comarcano, fundador do Colégio Estadual de Bananeiras e emérito defensor da educação e da cultura do nosso povo. (LEI MUNICIPAL, Nº. 381, Art.4º, Parágrafo Único)

Uma questão a se apontar é que na frente do Museu se encontra um busto do então presidente do estado da Paraíba entre os anos de 1916 e 1920 - Sólon de Lucena²⁴. Considerado filho ilustre da cidade, seu busto se confunde cotidianamente com a imagem de Simeão Cananeia. Nas oficinas realizadas no encontro de Educação Patrimonial, as docentes despertaram estranhamento ao saber que o busto não traria a representação do personagem que lhes dá nome, mesmo ele estando com placa de identificação.

Imagem 11: Quadro exposto no MSC do Dr. Desembargador Simeão Cananéia



Fonte: Acervo da autora, 2017.

Outrofato curioso é a dissonância da escrita em vários documentos municipais e páginas institucionais do nome “Simeão Cananéia”. No regimento interno (2015) aparece “Simeão Cananeia”, no Inventário: exposto e reserva técnica (2017) e na identificação da placa da instituição (2009) apresenta-se “SimeaoCananea”, e na Lei Municipal de criação da instituição nº.381(2007) mostra-se “Semeão Cananéia”. Tais contradições podem gerar

²⁴ Sólon Barbosa de Lucena nasceu na cidade de Bananeiras (PB) no ano de 1877. [...]foi professor em sua cidade natal e dedicou-se muitos anos ao magistério. Em 1913 foi eleito deputado estadual na Paraíba e logo designado presidente da Assembléia Legislativa. Como tal, em 24 de julho de 1916 assumiu a presidência do estado [...]Permaneceu no poder até 22 de outubro do mesmo ano, quando foi substituído por Francisco Camilo de Holanda, eleito para o quadriênio 1916-1920. Fonte: <<http://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/primeira-republica/LUCENA,%20S%C3%B3lon%20Barbosa%20de.pdf>>

dúvidas quanto a imagem e ao nome que define o Museu, demonstrando problemas pedagógicos que carecem de reflexão.

Sobre isso, é preciso destacar que pedagogicamente o museu é um espaço que tem a finalidade de promover experiências de aprendizagem, atreladas ao patrimônio e a história, mas também a educação do olhar. Ele é um ambiente pulsante, que lida com os elementos sensoriais para despertar a construção de uma identidade cidadã. Espaço de resgate da memória, mas também local de investigação e descobertas nas mais diversas áreas do saber, o Museu precisa lidar com os objetos que o compõem, desde a sua disposição temática e temporal à representação e linguagem utilizada.

Outras contradições surgem no garimpar de dados sobre a história do MSC. Nas conversas informais obtidas nas investigações de campo, descobrimos a possibilidade de ter havido outros “museus”. O primeiro funcionava numa sala pertencente ao prédio da prefeitura, local que se destina hoje a farmácia. Este espaço considerado museu não tinha denominação, nem ata de criação, nos parecendo mais um arquivo de guarda de parte do acervo histórico da cidade. O segundo, também sem denominação e ata de instituição, esteve possivelmente localizado no antigo Centro Cultural Isabel Burity, hoje Espaço Cultural Oscar de Castro. Neste Centro também funcionava a biblioteca municipal e era administrado por Manuel Luiz da Silva. Ambos os espaços não trazem nenhuma documentação específica de sua destinação como museu.

Em entrevista, Marta Eleonora Ramalho (2017) aponta que "O museu foi criado no lugar onde está hoje, a casa do gerente da Antiga Estação de trem", e que seu acervo foi constituído em “grande parte pelo acervo coletado e cuidado pelo historiador Manuel Luiz, que também era diretor da Biblioteca Municipal. Em seguida foi que fizemos uma campanha para doações”. Teve como primeiro responsável pelo planejamento e pelas instalações o museólogo Augusto Moraes da Universidade Federal da Paraíba. Ainda de acordo com a Lei municipal:

O Museu constituirá seu acervo com peças que representem o desenvolvimento econômico e social do Município e, também a evolução dos meios de transporte e comunicação, além de fatos, pessoas e coisas que lembrem personalidades que contribuíram com essa evolução histórica municipal. (LEI MUNICIPAL nº. 381, Art.3º, Parágrafo Único)

O que constatamos atualmente é que o MSC possui um pequeno acervo exposto, fruto de doações dos moradores. Ele contempla as coleções de porcelana, móveis de época, artesanatos, peças de uso doméstico, documentos históricos, estátuas religiosas, bustos,

quadros, pilões de madeira, máquinas de época, lamparinas, entre outros objetos. Este acervo está disposto em prateleiras, num ambiente sem climatização adequada, alguns deles expostos a poeira e a umidade.

Os elementos do acervo são organizados por temáticas e as visitas são organizadas da seguinte forma:

- A primeira é a '**visita-mediada**': na qual o visitante se comunica com o técnico do museu, obtendo mais liberdade para a aquisição das informações desejadas. De maneira mais autônoma o visitante desta abordagem pode concentrar sua atenção naquilo que mais lhe chama a atenção, dialogando com o auxiliar técnico administrativo apenas para obter esclarecimentos mais pontuais, sobre dúvidas e curiosidades. Nesta abordagem não se tem o tempo cronometrado ou roteiro a ser seguido.

- A segunda é a '**visita-guiada**': geralmente realizada em passeios turísticos e eventos esporádicos promovidos pelo MSC (como a Semana dos Museus e a Exposição Fotográfica). Os guias turísticos passam a acompanhar o grupo de visitantes, definindo um roteiro de lugares a ser visitados, entre eles o espaço do Museu. Neste caso, há uma delimitação do tempo para a visita e as informações são fornecidas a um público alvo, como os turistas por exemplo. Informes mais gerais são passados, tais como: breve história de Bananeiras, do local onde está situado o museu e a sua ligação com a antiga estação ferroviária. A apresentação se torna mais do espaço do que propriamente do acervo da instituição.

Segundo o "Inventário: Acervo exposto e Reserva técnica (2017)", a instituição possui no total aproximadamente 138 peças, sendo 44 peças do acervo exposto e 94 a compor a reserva técnica, localizadas no almoxarifado. Algumas destas peças²⁵ que compõem o acervo museal não estão a disposição dos visitantes, tornando reduzido o número de objetos a serem conhecidos e explorados. Algumas destas peças têm observações quanto ao seu estado de conservação, estando corroídas por cupins, quebradas e/ou descaracterizadas e etc. Outras, por sua vez, se encontram em perfeito estado e mesmo assim continuam armazenadas no almoxarifado.

De acordo com o Caderno de Diretrizes Museológicas, (2006, p.155) “A guarda de um acervo demanda uma reserva técnica, com condições físicas adequadas, condições climáticas estáveis e condições de segurança apropriadas à conservação das obras”. No MSC²⁶ esta realidade é ainda muito distante, estando as peças amontoadas uma em cima das outras, ou

²⁵Confira a lista das peças que fazem parte da reserva técnica, no Anexo 2, página 84.

²⁶Para conferir esta observação, consultar Apêndice 7, página 81.

apenas embaladas em caixas e sacolas. Outras peças estão no chão, sem a devida condição de armazenamento e climatização.

A maioria dos elementos expostos na instituição estão identificados, mas sem uma devida padronização. Alguns estão identificados pelo nome e década/ano em que foram fabricados, outros pelo nome e o país de origem, e existem outros, ainda, que estão identificados com nome, país de origem e ano/década.

No que se refere a área interna do museu, a sua disposição temática (como se pensa e organiza os elementos museais), devem obedecer as normatizações postas pelas Diretrizes Museológicas, definidas como um:

Campo do conhecimento responsável pela execução dos projetos museológicos. Através de diferentes recursos — planejamento da disposição de objetos, vitrines ou outros suportes expositivos, legendas e sistemas de iluminação, segurança, conservação e circulação — a museografia viabiliza a apresentação do acervo, com o objetivo de transmitir, através da linguagem visual e espacial, a proposta de uma exposição. (Ibidem, p.151)

No MSCduas das três vitrines expositivas estão preenchidas de peças, dificultando a observação/contemplação de todos os elementos, bem como sua identificação. Acreditamos que seria fundamental uma melhor distribuição do acervo em vitrines bem iluminadas, composta por prateleiras e por uma identificação padrão. O MSC possui iluminação com lâmpadas de uso comum, e devido a altura de seu telhado, os objetos que se encontram no acervo acabam ficando sem uma iluminação direta.

De acordo com o Estatuto Brasileiro de Museus (2013, p.131) para adquirir novos objetos para o acervo é necessário que a instituição confira antes a apropriação legal do mesmo, fazendo um levantamento do histórico do elemento, ao mesmo tempo em que deve confeccionar um documento que oficialize a possível doação:

Um museu não deve adquirir um objeto quando existam indícios de que a sua obtenção envolveu dano ou destruição não autorizada, não científica ou intencional de monumentos, sítios arqueológicos, geológicos, espécimes ou ambientes naturais. Da mesma forma, a aquisição não deve ocorrer sem que haja conhecimento da descoberta por parte do proprietário ou do possuidor da terra em questão ou das autoridades legais ou governamentais competentes.

A instituição tem por responsabilidade zelar por seu acervo, monitorando seu estado de conservação para que a ação do tempo e pragas não estraguem os elementos. Ainda segundo o Estatuto Brasileiro de Museus (Ibidem, p.135):

O museu deve acompanhar com atenção o estado de conservação dos acervos para determinar quando um objeto ou espécime necessita de intervenções de

conservação-restauração ou de serviços de um conservador-restaurador qualificado. O principal objetivo deve ser a estabilização do objeto ou espécime. Todo procedimento de conservação deve ser documentado e, na medida do possível, reversível; toda alteração do objeto ou espécime original deve ser claramente identificável.

Todas essas ações corroboram para manutenção do acervo museal, e para a preservação da riqueza cultural resguardada na instituição. Então chegou o momento de finalmente conhecermos internamente o MSC!

2.2.1 Conhecendo Internamente o MSC

O MSC pode ser considerado, dentro das tipologias que definem os museus, como um museu de "bairro/cidade", isto é, aquele em que “seu enfoque é dado sobre história e a cultura dessa localidade; um resgate da memória” (RODRIGUES, 2013, p.16).

Ele apresenta 6 salas. Mesmo já tendo sido sede de antigas residências, como a casa do fiscal e dos primeiros proprietários da Pousada da Estação, atualmente não possui uma infraestrutura adequada para ambientar o museu, não existindo banheiros e bebedouros para funcionários e visitantes. Acerca disto, o Estatuto Brasileiro de Museus (2013, p.30) cita:

Art. 23. Os museus devem dispor das condições de segurança indispensáveis para garantir a proteção e a integridade dos bens culturais sob sua guarda, bem como dos usuários, dos respectivos funcionários e das instalações.

Parágrafo único. Cada museu deve dispor de um programa de segurança periodicamente testado para prevenir e neutralizar perigos.

Sobre a ambientação e divisão interna das salas nos museus Cândido (2014, p.43) endossa:

As salas de exposição de curta e longa durações devem, preferencialmente, ter paredes contínuas, com poucos vãos (portas e janelas), embora aberturas possam ser aproveitadas para incluir na exposição um olhar sobre o entorno, sobre algum elemento que complemente a exposição.[...] Deve-se prezar pela limpeza, boa iluminação (indireta) e ventilação, evitando-se cantos escuros e correntes de ar.

Sobre esta assertiva, passamos a melhor apresentar a divisão interna do MSC, nomeando suas salas temáticas com vistas a melhor facilitar a distinção entre os espaços da instituição:

- **Sala de apresentação** – lugar em que geralmente se começa a visitação. Nela se inicia uma apresentação da origem da cidade Bananeiras, evidenciando suas raízes indígenas

(através dos elementos expostos nas paredes). Neste espaço ainda se encontram objetos que foram utilizados por escravos nas fazendas de famílias abastadas do Café.

Imagem 12 e 13: Sala de apresentação



Fonte: Acervo da autora, 2017.

- **Área central**-Neste ambiente são expostas as coleções de porcelanas, como também máquinas antigas (de fotografar, de calcular, de escrever, de costurar). As porcelanas se encontram em caixas de vidro, enquanto as máquinas estão dispostas em prateleiras abertas.

Imagem 14 e 15: Área central



Fonte: Acervo da autora, 2017.

- **Sala dos objetos antigos**-Espaço onde objetos diversos são expostos sem uma vinculação específica entre eles, como os utensílios para fins domésticos e para a agricultura. A maioria deles estão datados do início do século XX.

Imagem 16 e 17: Sala de objetos antigos



Fonte: Acervo da autora,2017.

- **Sala dos Artesanatos:** Neste setor estão dispostos os artesanatos em barro, renda e cisal. Parte da produção cultural atual da cidade.

Imagem 18 e 19: Sala de artesanatos

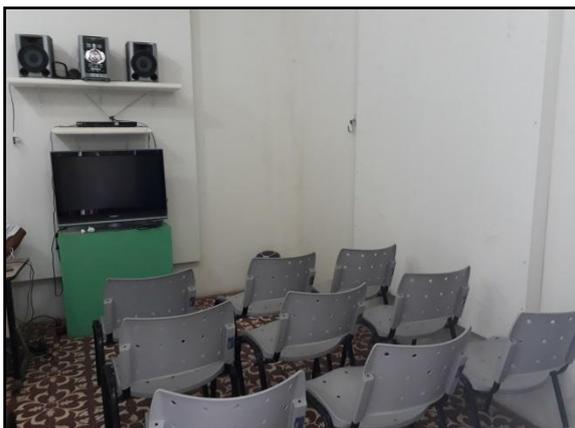


Fonte: Acervo da autora,2017.

- **Sala de multimídia:** Neste ambiente os funcionários da instituição e os guias turísticos podem transmitir vídeos²⁷ (“Contadores de Histórias” e Oficina de Animação- Cine Sesi. Cultural”) sobre o patrimônio histórico-cultural da cidade, suas tradições e costumes.

Imagem 20: Sala de multimídia

²⁷Existem outros vídeos que são utilizados no MSC, porém não possuem identificação.



Fonte: Acervo da autora,2017.

- **Espaço de passagem:** Por fim, temos o corredor, nele se encontram o livro de assinaturas e algumas fotografias. Neste espaço, ainda existem quadros que contam a trajetória e os "grandes feitos" do Dr. Simeão Cananéia. Porém, observamos que não há um enfoque específico para este espaço, sendo ele realmente apenas um lugar de passagem.

Imagem 21: Espaço de passagem



Fonte: Acervo da autora,2017.

- **Área Externa:** Na área externa da instituição, como já apontamos anteriormente, encontra-se o busto de Sólon de Lucena. Foi em seu governo que houve a construção da malha ferroviária. Nele consta a sua fala nesta ocasião: “O trem chegará a Bananeiras nem que seja por debaixo da terra”.

Imagem 22: Busto do Sólon Barbosa de Lucena.



Fonte: Acervo da autora, 2017.

A divisão temática do MSC induz os visitantes a refletirem sobre períodos históricos dispersos no tempo, sem uma ligação cronológica. Apontam as raízes indígenas da cidade, os utensílios e móveis que pertenceram às famílias ricas, a produção cultural de artesãos, como também evidencia a marcante presença da religião católica.

2.2.2. As mãos que lá trabalham

O MSC possui um quadro de funcionários bastante reduzido, estando atualmente composto por apenas dois servidores. Eles acumulam tarefas, sendo responsáveis tanto pela limpeza do recinto quanto pelas atividades de recepção dos turistas. Trabalhos como a higienização e a restauração de algumas peças do acervo, catalogação temática, entre outras que exigem uma formação adequada parece não acontecer no museu.

Segundo o Estatuto Brasileiro de Museus (2013, p.34), a equipe de funcionários pode estar composta por "[...] funcionários dos museus, além de especialistas, parceiros sociais, usuários e consultores externos, levadas em conta suas especificidades". Em museus de grande porte deve existir a presença de um museólogo, que é um profissional responsável pela administração e organização do espaço do museu, atentando para a disposição do acervo da instituição e pelas atividades que lá acontecem: como a catalogação dos elementos, averiguação do estado de conservação do acervo, dentre outras atividades.

Neste aspecto, e na ausência de um museólogo, o MSC tem sido administrado por Jaime de Oliveira Souza (2017), atuante na instituição desde o ano de 2012. Em entrevista, ele faz um apanhado sobre os antigos administradores deste espaço:

O museu foi inaugurado em 2009 e seu diretor era o Sr. Lindemberg. Com a sua saída, foi substituído pela professora Janaina Araújo, que permaneceu no cargo até 2011. Em 2012 ocupei o cargo de diretor, até meados de 2014, quando renunciei o cargo. Atualmente o museu não tem diretor. Cheguei ao museu no ano de 2010 e fui escolhido diretor pelo trabalho que já vinha apresentando. Então dei apenas seqüência ao trabalho que realizávamos de terça-feira a domingo, recebendo escolas e turistas nos finais de semana, desenvolvendo atividades de acordo com o público. (JAIME DE OLIVEIRA SOUZA, 2017)

Responsável por todas as tarefas que cercam este ambiente, Jaime aponta como recebe os visitantes e as atividades que tem buscado realizar no Museu, mesmo sem estar a frente da instituição como diretor:

Minha primeira atividade foi inserir o museu na programação nacional da "Primavera dos Museus", que ocorre na segunda semana de Setembro. Atualmente recebemos o público desenvolvendo as atividades de acordo com a faixa etária, quantidade de pessoas e de acordo com o perfil do turista. [...] atualmente o museu encontra-se sem diretor e a equipe é composta por dois funcionários ficando um durante a semana e outro nos finais de semana e feriados. A maior dificuldade é o reduzido quadro de funcionários. (JAIME DE OLIVEIRA SOUZA, 2017)

Sobre isto, o Estatuto Brasileiro de Museus (2013, p. 29) dispõe que:

Art. 17. Os museus manterão funcionários devidamente qualificados, observada a legislação vigente.
Parágrafo único. A entidade gestora do museu público garantirá a disponibilidade de funcionários qualificados e em número suficiente para o cumprimento de suas finalidades.

E ainda enfatiza que a equipe que trabalha nos Museus deve sempre obter estímulos para participação em "[...] cursos, ateliês e seminários, visando a atualização de conhecimentos dos funcionários de museus, não só no que diz respeito às suas diferentes especialidades, mas também em relação à visão interdisciplinar que o museu deve ter" (ESTATUTO BRASILEIRO DE MUSEUS, 2013, p.121).

Acrescentamos ainda a necessária presença de um pedagogo na equipe, uma vez que o museu lida cotidianamente com questões educacionais, sejam de cunho formal (pela visita de instituições escolares) ou não formal (por lidar com questões que envolvem a Educação Patrimonial, dentre outras).

Como suporte de divulgação e comunicação o MSC possui apenas uma página numa rede social²⁸, na qual se publica, de forma não atualizada, a realização e programação de algumas de suas atividades. Tais notícias são postadas a partir do compartilhamento de fotos

²⁸Disponível para consulta no seguinte endereço eletrônico:<<https://www.facebook.com/museusemeao.cananeia>>

de escolas e turistas que visitam a instituição. O site institucional da Prefeitura Municipal da cidade²⁹ também não traz nenhuma aba de discussão a respeito do Museu, tendo apenas algumas informações de eventos que lá aconteceram no item de notícias, datadas do ano de 2015.

A partir do levantamento que realizamos no livro de visitas (2014) no MSC durante o ano de 2017, foi no mês de setembro que houve o maior número de visitantes, conforme demonstra o gráfico a seguir:

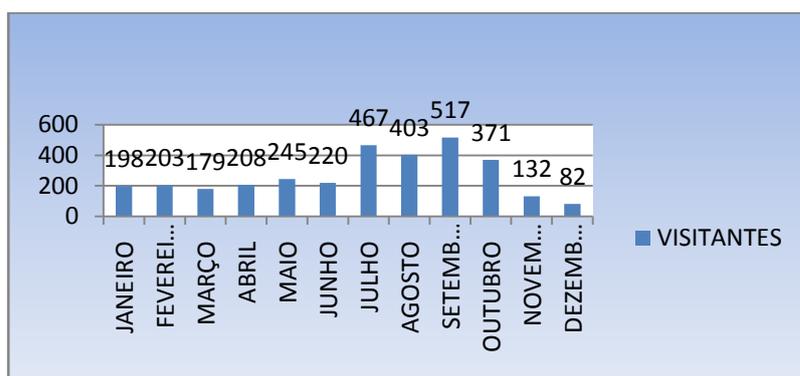


Gráfico 1 - Fonte: Livro de Visitas, 2017.

O período que demarca os meses de julho, agosto e setembro como os meses em que ocorreram o maior número de visitantes está atrelado a realização de eventos turísticos na região. No mês de julho Solânea, cidade vizinha a Bananeiras, recebeu o Caminhos do Frio³⁰, no mês seguinte este evento foi sediado em Bananeiras. Já no mês de setembro ocorreu a Exposição Fotográfica 'Bananeiras ontem e Hoje'. Mesmo o MSC não tendo desenvolvido um planejamento de atividades a serem realizadas neste período de julho e agosto, acabou sendo espaço de visita de turistas, tanto aqueles interessados em seu acervo quanto aqueles que foram com o objetivo de visitar o Complexo Ferroviário.

Sendo o Museu "[...] um estabelecimento permanente, sem fins lucrativos, a serviço da sociedade e de seu desenvolvimento, aberto ao público, que coleciona, conserva, pesquisa, comunica e exhibe, para o estudo, a educação e o entretenimento, a evidência material do homem e de seu meio ambiente" (ESTATUTO BRASILEIRO DE MUSEUS, 2013, p.14), maior poderia ser aproveitado o potencial pedagógico do MSC, se houvesse um interesse das instituições que o coordenam em melhor conduzir e planejar as atividades que nele poderiam acontecer.

²⁹Disponível no seguinte endereço eletrônico: <<http://www.bananeiras.pb.gov.br/>>

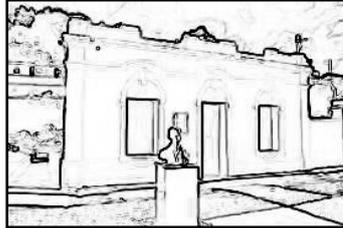
³⁰Confira a programação do evento no seguinte endereço eletrônico: <<http://www.caminhosdofrio.com/bananeiras.html>>.

Encontramos em nossa pesquisa significativa lacuna da esfera educacional quanto a elaboração de projetos educativos que tomem o espaço do museu como campo de atuação. Acreditamos que o fato do MSC está vinculado a Secretaria de Cultura e Turismo não impeça que docentes utilizem este espaço para o desempenho de sua prática educativa, encontrando no campo da Educação Patrimonial inúmeras possibilidades pedagógicas. Em entrevista, a docente Josinalva Maia Martins (2017) aponta a carência de projetos educativos nesta área e salienta: “[...] infelizmente não se tem um projeto voltado para o cuidado em preservar o patrimônio histórico de nossa cidade, que é tão rica em beleza e história”.

Ainda de acordo com a docente Josinalva Maia Martins (2017) a Secretaria de Educação pensa no MSC como um espaço integrado as questões educacionais, porém não possui políticas de incentivo, valorização e inclusão deste patrimônio local no âmbito das atividades que perpassam a escola. Sobre isto, ela pontua: “[...] existe a preocupação da sociedade em manter, mas, não dispomos de lei específica do município”, sem leis, políticas e programas educativos que assegurem a preservação e manutenção de um bem inestimável que é um museu municipal, ações a favor deste patrimônio tornam-se fragilizadas.

Em nossa pesquisa nos deparamos com a inexistência de um espaço voltado para a salvaguarda do patrimônio documental da cidade de Bananeiras, em entrevista indagamos a docente Josinalva Maia Martins (2017) se por parte da Secretaria de Educação havia algum projeto de criação, e como a ausência de um arquivo municipal poderia afastar os discentes de um ambiente de investigação e consulta, neste sentido a mesma ressaltou: “[...] Cada instituição possui um pequeno acervo e quando as pessoas procuram se aprofundar sobre determinado patrimônio público, recorre e adquire informações assim”. No entanto, percebemos que o patrimônio documental da cidade não possui uma devida organização³¹, estando sob o poder das diversas instituições, mas também melhor encontrado em acervos pessoais. Acreditamos que o MSC seria um espaço interessante para a salvaguarda destes documentos, além de poder propiciar experiências educativas por meio deles .

³¹ Entre os anos de 2016 e 2017 foi desenvolvido o projeto PIBIC "A História da Educação do Município de Bananeiras através do olhar de Manoel Luiz da Silva (1920-1960)", coordenado pela professora Vivian Galdino de Andrade. Entre suas ações houve a criação do Centro de Documentações Históricas de Bananeiras - CDHB, numa pequena sala do Centro Cultural Oscar de Castro. Toda a documentação que existia neste espaço passou por um processo de higienização, catalogação e arquivamento em pastas. Após o fim do projeto, retornamos a este espaço, que não recebeu nenhum incentivo das Secretarias municipais para a continuação de suas atividades.



III Capítulo

O (RE)PENSAR DAS ATIVIDADES NO MSC: Lançando novas possibilidades pedagógicas

3.1. O museu como um lugar de educação e memória

“A primeira tarefa da educação é ensinar a ver”

(Rubens Alves)

Ao falar de museus remetemos nosso pensamento a espaços altamente visuais que proporcionam um contato com o dizível e o indizível, traduzindo formas de pensamento e concepções de mundo por meio de suas obras, objetos e exposições. Rubens Alves, na citação acima, destaca o papel essencial que a educação tem no processo formador do cidadão - o de ensinar a ver! Parece algo simples ou tão natural, algo que não precise de mediação uma vez que corresponde a um aspecto sensorial, porém o ato de ver é fruto de um exercício cotidiano, que nos leva a enxergar um certo tipo de saber a partir do que somos levados a ver. Assim acontece com os museus.

O museu é um espaço que têm uma finalidade peculiar no campo da educação, visto que promove uma experiência sensorial múltipla, reunindo os sentidos que podem ser aguçados ao se deparar com uma determinada obra/acervo. É um ambiente pulsante, que nos leva a ver e também a sermos vistos, na medida que entrelaça as temporalidades, nos tele transportando através de seu acervo para diversos lugares e tempos.

Mattos (2005, p.2) define o museu como sendo “espaços altamente sedutores, instigadores de nossa imaginação, da nossa ludicidade, são espaços argumentativos e persuasivos”. As instituições museais são ambientes assim constituídos, dotados de uma riqueza cultural imensurável...Mas por que estes espaços de memória tem sido encarados como lugares de coisas velhas? Cemitérios do passado? Ambientes sem vida, em preto e branco pincelados?

A criação de um museu, a disposição de suas peças, a falta de articulação entre o que é exposto com o que é vivido tem levado os museus a serem assim interpretados. Composto de um acervo tão distante do tempo quanto seria do sujeito que o visita, sem vínculos e nem familiaridade. Talvez assim tenha sido interpretado por algumas pessoas o MSC.

Quando acreditamos que apenas coisas antigas podem compor o acervo do museu, ou mais ainda, quando nos valem do pressuposto que o antigo deve ser descartado e que por isso mesmo vai para o museu, passamos a endossar a ideia que o museu é um espaço morto, um ambiente “frio”, sem vida e sem articulação com o presente, resultado de um passado a ser esquecido, deixado para trás.

Contrariando esta constatação, acreditamos e defendemos neste texto a assertiva que postula os museus como instrumentos de aprendizagem, que propiciam uma mágica vivência de estímulos e sensações, mexendo com o olhar, com a memória, com as lembranças afetivas dos sujeitos.

Espaço de educação não-formal, aonde se aprende “no mundo da vida”(GOHN, 2006, p. 28), os museus compartilham experiências que viram história, ou vice-versa. Para Gohn (2006, p. 104-105), ambientes de educação não-formal proporcionam

[...]a criação de conhecimentos novos. Ou seja, a criatividade humana passa pela educação não formal. O agir comunicativo dos indivíduos, voltados ao entendimento dos fatos e fenômenos sociais cotidianos, baseia-se em convicções prático-moral, elaboradas a partir das experiências anteriores, segundo as tradições culturais e as condições histórico-sociais de um certo tempo e lugar.

Desta forma, a educação não-formal, vivenciada em instituições como os museus, conduz os sujeitos ao desenvolvimento de valores e ao fortalecimento de vínculos culturais e históricos, empoderando os sujeitos que o visitam. O Instituto Brasileiro de Museus (Ibram)³² define a instituição museal como sendo:

[...] o lugar em que sensações, ideias e imagens de pronto irradiadas por objetos e referenciais ali reunidos iluminam valores essenciais para o ser humano. Espaço fascinante onde se descobre e se aprende, nele se amplia o conhecimento e se aprofunda a consciência da identidade, da solidariedade e da partilha. Por meio dos museus, a vida social recupera a dimensão humana que se esvai na pressa da hora. As cidades encontram o espelho que lhes revele a face apagada no turbilhão do cotidiano. E cada pessoa acolhida por um museu acaba por saber mais de si mesma³³.

Esta definição traz a perspectiva de um espaço educativo, é assim que interpretamos o MSC nesse estudo, como uma instituição que auxilia na formação da identidade, incentivando a perpetuação da memória social e coletiva. Ainda sobre a citação o Ibram, ela traduz a relevância dos museus na atual sociedade, diante da correria vivenciada no dia-a-dia e do ritmo de vida impostos pela vida urbana, os atos de contemplar e lembrar passaram a ser irrelevantes.

Valorizar e ressignificar os espaços museológicos como ambientes que guardam e transmitem a memória passa a ser uma necessidade emergente, inclusive para o campo da educação. Falar em lugares de memória como o museu é considerar que este é um espaço que evoca o passado fazendo o visitante imaginar-se em uma época diferente da atual. Eles

³²O Ibram (Instituto Brasileiro de Museus) é “o órgão responsável pela Política Nacional de Museus (PNM) e pela melhoria dos serviços do setor – aumento de visitação e arrecadação dos museus, fomento de políticas de aquisição e preservação de acervos e criação de ações integradas entre os museus brasileiros”. Diante da riqueza velada nessas instituições, este órgão (Ibram) busca a manutenção da qualidade destes, aprimorando ações realizadas neste setor. Para maiores informações acessar o site: <http://www.museus.gov.br/>

³³Citação retirada da página eletrônica do Ibram, disponível em: <<http://www.museus.gov.br/os-museus/>>. Acesso em 12-01-2018.

despertam a curiosidade de transmitir e dialogar sobre fatos que ocorreram, trazendo a tona memórias que contam a história de uma região/cidade.

Por esse ângulo, a experiência da utilização de lugares de memória como o MSC para fins educacionais é uma riquíssima oportunidade de aprendizagem, instigando a ampliação de saberes locais e a preservação do patrimônio histórico-cultural. A educação em museus tem como propósito fortalecer esse vínculo, o de pertencimento ao um bem patrimonial, tornando viva a memória, o acervo material e o patrimônio imaterial que nele existe. É neste processo de sensibilização que as pessoas passam a dá importância a proteção dos lugares de memória.

Nesse sentido, Nora (1993, p. 13) reafirma que os lugares de memórias são “sinais de reconhecimento e de pertencimento de um grupo a uma sociedade, que só tende a reconhecer indivíduos idênticos”. Portanto, é por meio de atividades educativas que os sujeitos são levados a reconhecer o local e a construir a partir dele sua identidade, como sujeitos históricos. Sobre estas ações educativas, o Estatuto Brasileiro de Museus (2003, p.30) assinala que “Os museus deverão promover ações educativas, fundamentadas no respeito à diversidade cultural e na participação comunitária, contribuindo para ampliar o acesso da sociedade às manifestações culturais e ao patrimônio material e imaterial da Nação”.

A educação não-formal, vivenciada no interior de um museu, tem como pretensão oferecer um ambiente prazeroso, dinâmico e lúdico para as pessoas visitantes, a partir da mediação de “conhecimentos sem mecanismos de repressão, de maneira não obrigatória” (VON SIMSON, et al, 2001, p.10). Desta forma, o museu promoverá uma aprendizagem voluntária, sem normatizações, na medida em que insere o visitante (aluno, turista, pesquisador) no contexto histórico que o ambiente proporciona. Isto é, “[...] o patrimônio cultural e o meio-ambiente histórico em que está inserido oferecem oportunidades de provocar nos visitantes sentimentos de surpresa e curiosidade, levando-os a querer conhecer mais sobre eles” (HORTA; GRUNBERG; MONTEIRO, 1999, p.6).

Gonh (2010) articula sua visão de educação não-formal à educação para a cidadania, evidenciando que esta é uma aprendizagem voltada à formação de cidadãos(as) livres, emancipados, portadores de um leque diversificado de direitos. Neste âmbito, a educação em espaços como museus oportuniza as pessoas a se tornarem agentes responsáveis pela proteção do patrimônio histórico cultural, além de empoderá-los politicamente, a medida que leva seus visitantes a questionar e a construir um pensamento crítico a respeito do lugar e da história que os cerca.

Os museus são campos multidisciplinares voltados para o trabalho com a memória social. Temos que ter em mente o caráter político do processo de construção do discurso, realizada pelos museus, acerca de uma determinada memória, a escolha de seus heróis, de suas histórias, crenças e lutas. (OLIVEIRA e SOARES, 2015, p.45)

Neste contexto, lugares de memória como o MSC, tem o dever de costurar elos entre o passado e o presente, entre a memória e os sujeitos, dando-lhes a possibilidade de pensar criticamente sobre a história que foi construída e que chegou até eles. É nesta oportunidade que outros personagens locais podem redesenhar uma história.

A educação patrimonial e a educação não-formal se identificam, métodos e concepções que nortearão os passos do educador. É sobre isso que neste capítulo pretendemos dar uma singela contribuição ao planejamento de atividades que tomem o MSC como espaço de discussão e fomento de práticas educativas. Vamos lá?!

3.2. E o que tem no museu hoje?

Como temos apontado ao longo deste texto, o MSC é um espaço educacional que atende a turistas das mais diversas regiões do Brasil, mas também a escolas e demais instituições sociais. De acordo Jaime de Oliveira Souza (2017), auxiliar administrativo do museu, este espaço desenvolve atividades anuais, tais como: “A Semana dos Museus e a Primavera dos Museus, onde realizamos exposições fotográficas, exibição de filmes entre outras atividades que tem por objetivo justamente divulgar o museu e aumentar o número de visitantes”.

Durante nossa investigação, pudemos estar presentes nos dois eventos anunciados na citação. Neles observamos os seguintes aspectos:

- **Semana dos Museus**

Este evento acontece em âmbito nacional e é promovido pelo Ibram, no entanto cada instituição planeja suas atividades. No MSC, durante o ano de 2017, foram

pensadas atividades³⁴ que se distanciavam, de certa forma, do cunho educativo, se destinando apenas a visita de turistas, guiada pela presença de um guia turístico³⁵.

Os funcionários que recepcionavam os visitantes demonstravam certo despreparo nas informações transmitidas. A *posteriori* descobrimos que eles haviam sido relocados a pouco tempo de cargo pela prefeitura. Jaime de Oliveira Souza, mais atuante no museu, se encontrava de férias. Tais impressões também aproximam do que aponta o Relatório do Estágio Supervisionado (2017, p.5):

Desses três funcionários apenas um tem mais conhecimento sobre a história de Bananeiras e, principalmente, sobre o museu que é um prédio histórico e de suas peças expostas. Os demais funcionários apenas acompanham os visitantes sem explicar a importância daquele museu e a sua história. Em um dos dias de observação recebemos um casal de turistas que veio conhecer o museu, pudemos constatar que um dos funcionários nem sequer cumprimentou os visitantes.

Este tipo de posicionamento do funcionário em relação aos visitantes desmotivava para a visitar o recinto, como também não suscita curiosidade em conhecer a história do espaço e do lugar que ele carrega. Também pode estar atrelado a falta de capacitação e de formação específica para atuação no museu.

Durante o evento houveram visitas de escolas e creches da rede de ensino municipal da cidade de Bananeiras, mas também de turmas do sistema de ensino privado. A visita seguia uma sequência pré-estabelecida: o guia ou o professor juntamente com o funcionário seguia apresentando os espaços do museu, os alunos observavam e comentavam sobre os objetos expostos. Após estes momentos todos seguiam para sala de multimídia, o vídeo (sem identificação) exibido trazia uma sequência de temáticas desconexas e confusas, que se distanciavam do objetivo da atividade, que era sensibilizar os alunos para a herança cultural do município.

Em outra visita observada, o vídeo exibido foi outro, agora intitulado “Contadores de História”. Este apresentava vínculo com a cidade e com sua história, era uma produção local, realizada em parceria com a prefeitura de Bananeiras e com o IPHAN. Sua temática discorria sobre o patrimônio da cidade e apresentava uma linguagem acessível, com falas dos próprios cidadãos bananeirenses. Estes dados ressaltam a importância de um maior planejamento dos recursos visuais, tal como de uma maior interação e conhecimento da história local e dos pressupostos didáticos para atividades em Museus.

³⁴Como mostra o Quadro 3, página 20.

³⁵Todavia a presença do guia turístico não se deu em todos os dias da semana comemorativa, mas apenas nos dias em que se esperavam a presença de escolas no evento.

- **Primavera dos Museus**

A Primavera dos Museus é um evento realizado anualmente, estando na sua 11ª edição. Em 2017 teve como tema “Museus e suas memórias”. Em Bananeiras foi realizada uma exposição fotográfica intitulada "Bananeiras, ontem e hoje", retratando através de fotografias uma visão de Bananeiras do passado e do presente. A atividade realizada teve a presença do guia turístico, autor da exposição, em alguns dias do evento. Nesta ocasião ele explicava as mudanças que ocorreram nas principais ruas da cidade e mencionava a importância de preservar os edifícios e casarões tombados.

Na ausência do guia, os funcionários cumprimentavam os visitantes e explicavam do que se tratava a exposição, logo em seguida os visitantes observavam as fotos e comentavam entre si, sem maiores explicações. O diálogo trocado com os visitantes era: “Quando terminar assinie o livro de assinatura!”. Acreditamos que esta proposta é interessante, no entanto sem direcionamento e mediação a visita fica imersa em lacunas, retratando a falta de vínculo entre a história e os sujeitos.

No Guia de Educação Patrimonial, Horta, Grunberge Monteiro (1999) sugere uma atividade similar, no entanto promove uma outra experiência. A atividade recomenda que os visitantes, neste caso discentes, registrem as mudanças percebidas nas fotografias, direcionando o olhar e dando um direcionamento pedagógico. É o que aponta o quadro a seguir:

Quadro 6: Sugestão de Atividades

USANDO FOTOGRAFIAS ANTIGAS Outra maneira de observar e registrar o Centro Histórico com os alunos é através da identificação de cópias de fotografias antigas, comparando-as com a situação atual, e pedindo-lhes para fazer uma lista das mudanças observadas e o que isto significou para as pessoas que moram no local. Pode - se discutir ainda o que levou a estas mudanças, e se foram benéficas ou não.	
HOJE	ONTEM

Fonte: Horta, Grunberg e Monteiro (1999, p.28).

A atividade proposta pelo guia orienta mais especificamente a relação que deve ser estabelecida entre o museu e a escola. É sobre ela que nos deteremos a seguir.

3.3. O Museu e a escola: uma relação possível!

A metodologia da educação patrimonial (EP) pode ser utilizada em diversas conjunturas, no presente trabalho focamos na experiência não formal, mais precisamente em atividades educativas para serem utilizadas dentro do espaço museológico, no entanto não podemos deixar de ressaltar esta temática inserida nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN's) como temas transversais da educação básica, como saberes que perpassam as disciplinas escolares. Sobre isto, aponta o Guia de EP:

Os currículos escolares são comumente sobrecarregados, com disciplinas que competem entre si por limitação do tempo em sala de aula e pelas normas oficiais estabelecidas. Os objetos patrimoniais, os monumentos, sítios e centros históricos, ou o patrimônio natural são um recurso educacional importante, pois permitem a ultrapassagem dos limites de cada disciplina, e o aprendizado de *habilidades* e *temas* que serão importantes para a vida dos alunos. (HORTA; GRUNBERG; MONTEIRO, 1999, p.34).

De acordo com o que cita as autoras, trabalhar o patrimônio é um recurso educacional de suma importância para a construção da cidadania e da identidade local. Para além de uma experiência fora do espaço escolar, o patrimônio histórico pode perpassar o conteúdo de uma aula. As crianças podem ir ao museu, mas o museu também pode estar na escola!

Sendo a nossa discussão o espaço do museu, voltamos ao foco apontando o que denota Horta, Grunberg e Monteiro (1999, p.24), quando narra que:

A preparação dos alunos em sala de aula é essencial para que a visita possa estimular a observação, introduzir a discussão e sensibilizá-los em relação ao meio ambiente que os rodeia. Aprender através do olhar não é necessariamente simples, desenvolver a habilidade da observação e interpretação do que nos rodeia, auxilia na compreensão do mundo; isto requer tempo, prática e um esforço consciente que precisa ser desenvolvido através de exercícios e tarefas.

Trabalhar com os alunos habilidades a observação, o registro e a exploração dos elementos que compõe o museu sugere planejamento e reflexão, com vistas a auxiliar os educandos enxergar o mundo a sua volta a partir da apropriação destas habilidades. Também o Manual de Aplicação de educação patrimonial, elaborado pelo Ministério da Educação (MEC) para ser utilizado nas instituições escolares através do programa “Mais Educação” sugere propostas nesta direção:

Educação Patrimonial no Mais Educação propõe uma forma dinâmica e criativa da escola se relacionar com o patrimônio cultural de sua região e, a partir dessa ação ampliar o entendimento dos vários aspectos que constituem o nosso patrimônio

cultural e o que isso tem a ver com formação de cidadania, identidade cultural, memória e outras tantas coisas que fazem parte da nossa vida mas, muitas vezes, não nos damos conta do quão importantes elas são (IPHAN, 2013, p.5).

Baseado nisto, trabalhar com a educação patrimonial no âmbito das escolas é dá significação ao patrimônio histórico, utilizando-o no processo educativo integrado aos currículos da instituição escolar, dentro ou fora da sala de aula (no caso de uma aula de campo).

Ainda neste aspecto, trazemos para esta discussão alguns dos dados obtidos nos questionários que aplicamos durante o I Ciclo de Oficinas em Educação Patrimonial de Bananeiras com professoras da rede municipal de ensino, e também com as graduandas do curso de Pedagogia. Entre o que coletamos, verificamos que apenas 1 das participantes conheciam a história do MSC, 5 elencaram que as escolas em que atuavam não promoviam visitas ao MSC, e todas elas afirmaram que nas escolas não existiam propostas dentro do Projeto Político Pedagógico para trabalhar com a Educação Patrimonial em Museus. Acerca disto, a discente do Curso de Pedagogia Fernanda Santos da Cruz (2017) faz uma ressalva pertinente ao dizer que “[...] geralmente a escola só visita um Museu em datas muito específicas, mas sem uma finalidade educativa”, ou seja, a ausência de objetivos torna a visita vaga e sem fundamento pedagógico.

Sobre a importância de instigar nos discentes a preservação do patrimônio histórico a partir do conjunto arquitetônico de que o MSC faz parte, Antoniana Alves de Melo (2017) pontua: “[...] é de suma importância a instigação da preservação do patrimônio histórico, pois garante a vivência de memórias marcantes, que retratam a identidade e cultura dos bananeirenses”. Por outro lado, a professora Ana Karla Oliveira da Silva aponta que a discussão sobre o patrimônio é necessária na cidade, “[...] pois ainda não temos o hábito de conhecer museus”, fazendo menção a noção propagada do museu como um lugar chato, frio e sem vida.

Quanto a utilização do museu como espaço educativo, todas os sujeitos entrevistados apontaram como sendo primordial para a formação da cidadania. Dentre as respostas, elencamos duas falas: a primeira da discente do Curso de Pedagogia Tatiane da Conceição Félix de Lima (2017) que cita que o museu, “como espaço educativo, preserva a história de uma comunidade de modo geral”; e Denize Bezerra da Silva Monteiro (2017), professora da rede, que aponta que as visitas são “algo de suma importância para a construção do processo educativo da população bananeirense”. Ambas as falas são pertinentes e devem estar pautadas na soma: “para preservar é necessário conhecer”.

3.4. Por uma nova pedagogia de olhar/visitar o Museu

O ato de ver não é uma coisa natural. Precisa ser aprendido.

(Rubem Alves)

A pedagogia do olhar é uma prática educativa que se propõe a exercitar nos sujeitos o olhar sensível, na busca de vivenciar - da melhor forma - uma experiência em todos os seus detalhes. Omuseu é um lugar ideal para a utilização dessa abordagem, pois é um ambiente rico em elementos visuais, que precisam ser contemplados, refletidos e interpretados pelos seus visitantes.

Movidas pela mensagem de Rubem Alves selecionamos algumas propostas sugeridas no Manual de atividade práticas de EP e no Guia de EP que possibilitam o exercício do olhar sensível dos visitantes sob os bens culturais. Elas são produzidas considerando as visitas das escolas no espaço do museu, direcionando suas atividades a partir de faixas etárias.

1ª Oficina-Uma edificação, uma descoberta - Uma observação detalhada (Faixa etária: 1º ao 4º ano)

Quadro 7: Atividade de observação e registro

- ✓ Esta atividade poderá ser desenvolvida a partir de uma edificação (bem material) que poderá ser uma casa, um museu, um edifício público ou privado, um mercado, um cinema, uma escola, um shopping etc.
- ✓ Convide os participantes para fazer um passeio pelo bem escolhido, observando, atentamente, todos os detalhes, pelo lado de fora, cada um levando prancheta, papel e lápis. Defronte à fachada principal, peça para observarem todos os detalhes e elementos durante alguns minutos. Passado esse tempo, e virados de costas, solicite que descrevam, através de desenho ou escrita, o que eles se lembram do observado (números de portas, janelas e pavimentos: tipo de material; estado de conservação; cor; decoração; etc).
- ✓ Uma vez terminado esse registro, peça para que voltem a observar e comparar com o que eles descreveram nas suas anotações. Promova, a partir dessa experiência, uma reflexão sobre a diferença entre o olhar e o ver e sobre a importância da observação detalhada para a compreensão e a descoberta de outras informações que o olhar superficial não permite.

Fonte: Grunberg(2007, p.11).

Esta atividade recomenda que os visitantes agucem o sentido visual dentro da instituição museal, registrando e expondo suas ideias. É uma atividade que viabiliza o entendimento de como o visitante enxerga as características arquitetônicas da edificação, ressaltando a importância de "não só olhar" mais "ver e conseguir expressar o que a experiência causou".

2ª Oficina- Atividade de observação e análise dos objetos (Faixa etária: 5º ao 7º ano)

Quadro8: Atividade de observação e análise

ASPECTOS PRINCIPAIS A OBSERVAR	OUTRAS PERGUNTAS	ASPECTOS DESCOBERTOS PELA OBSERVAÇÃO	ASPECTOS A PESQUISAR
ASPECTOS FÍSICOS O que parece ser esse objeto?	Que cor tem? Que cheiro tem? Que barulho faz? De que material é feito? O material é natural ou manufaturado? O objeto está completo? Foi alterado, adaptado ou consertado? Está usado?		
CONSTRUÇÃO Como foi feito?	Onde foi feito? Foi feito à mão ou à máquina? Foi feito em uma peça única ou em partes separadas? Com uso de molde ou modelados à mão? Como foi montado?(com parafusos, pregos, encaixes)		
FUNÇÃO Para que foi feito?	Quem o fez? Para que finalidade? Como foi ou é usado? O uso inicial foi mudado?		
FORMA O objeto tem uma boa forma? É bem desenhado?	De que maneira a forma indica a função? Ele é bem adequado para o uso pretendido? O material utilizado é adequado? É decorado, ornamentado? Como é a decoração? O que a forma e a decoração indicam? Sua aparência lhe agrada?		
VALOR Quanto vale esse objeto?	Para as pessoas que o fabricaram? Para as pessoas que o usam? (ou usaram) Para as pessoas que o guardaram? Para as pessoas que o venderam? Para você? Para um Banco? Para um Museu?		

Fonte: Horta, Grunberg e Monteiro (1999, p.14).

Esta propõe uma experiência de contato com o acervo museológico, com as fontes históricas. Elas passam a ser aqui o principal recurso didático. Habilidades como a observação, o registro e a exploração são estimuladas, visando relacionar os objetos ao seu valor afetivo, da mesma forma em que mapeia informações sobre sua funcionalidade, estética e material produzido.

No museu as pessoas podem ser convidadas a interagir pelo contato com acervo (os que são passíveis de manipulação), fazendo uso da imaginação e oportunizando a

dialogicidade. Nesta perspectiva, "Os aspectos descobertos pela observação" e os "Aspectos a pesquisar", quadros apresentados em branco por Horta, Grunberg e Monteiro (1999, p.14), passam a ser lacunas a serem preenchidas pelas próprias impressões dos sujeitos. Essa oportunidade permite aos visitantes se sentir parte integrante da história, os situando no tempo e no espaço. O uso de elaboração de representações aqueles objetos que não possam ser manipulados também para ser uma alternativa viável para tornar a aula visita dinâmica e produtiva.

3º Oficina- Estudo sobre o meio ambiente histórico (Faixa etária: 7º ao 9º ano)

Quadro 9:Atividade sobre um ambiente histórico

PRESENTE	PASSADO	INFLUÊNCIA DO PASSADO NO PRESENTE
Como é o lugar hoje?	Como era este lugar no passado?	Que elementos do passado podemos ver hoje?
Porque este lugar é assim , hoje, e como se diferencia ou se assemelha com outros lugares?	Porque este lugar era deste modo no passado? Como e porque ele se diferenciava ou se assemelhava com outros lugares?	Que influência estes elementos tiveram sobre este lugar, e como esta influência se assemelha aoque aconteceu em outros lugares ?
De que maneira este lugar se relaciona com outros lugares?	De que maneira este lugar estava relacionado com outros lugares?	De que modo as relações existentes no passado influenciaram este lugar e o modo em que eles se relaciona hoje com outros lugares?
Como este lugar se relaciona com outros lugares?	Que mudanças aconteceram neste lugar ao longo do tempo e por que?	Como as mudanças ocorridas estão refletidas hoje, neste lugar?
Como seria viver neste lugar, hoje?	Como seria viver neste lugar, no passado?	Como o passado influencia o modo e a experiência de viver neste lugar, hoje?

Fonte: Horta, Grunberg e Monteiro (1999, p.18).

A oficina exercício sugere a utilização do espaço temporal dentro do espaço museológico. É uma estratégia de estudar o meio ambiente histórico através da educação patrimonial. As indagações indicadas na atividade trazem desdobramentos que permeiam o passado e o presente, mas também a influência destes nos dias atuais. Esta proposta, assim como as outras, poderia ser bem sucedida no MSC, pela história que cerca o museu, na medida em que proporciona a ampliação e construção de conhecimentos a partir da associação com a história local. Por meio dela o vínculo e a integração ao patrimônio poderia ser estabelecido, diminuindo as distâncias entre aquilo que pertence a um passado longínquo e o presente.

4º Oficina: Brincando e aprendendo: O olhar e suas representações (Faixa etária: Livre)

Esta oficina meche com o olhar e com a memória do visitante. Ela foi aplicada no 'I Ciclo de Oficinas: Educação Patrimonial de Bananeiras' e propôs uma reflexão sobre a história do MSC a partir de seu acervo. Esta experiência contribuiu para o entendimento do museu como um espaço de cores e de vida numa perspectiva afetiva, pois relacionou seu acervo à memória dos visitantes

Imagem 23, 24, 25 e 26: Momentos realizados nas Oficinas



Fonte: Acervo da autora, 2017

Nas figuras 1 e 2 discutimos a história do MSC por meio de seu acervo, trabalhando a relação entre eles e a memória das participantes. Obtivemos a autorização da Secretária de Turismo e Cultura para retirar alguns objetos e levá-los para o local do curso, entre eles estavam: máquinas de costura e fotografia, antigos ferros de engomar e bules de barro. A partir da reflexão sobre o acervo presente neste ambiente, o sujeito é conduzido a fazer uma retrospectiva de si, mas também dá a possibilidade de enxergar o outro que já passou, proporcionando situações de aprendizagem. Esta prática pedagógica visa estabelecer ainda a troca de saberes advindos das vivências e memórias dos visitantes, fomentando o desejo de salvaguarda da herança histórica encontrada em espaços museais. Já nas figuras 3 e 4,

confeccionamos representações do acervo museológico em massinha, esta que foi produzida pelas próprias participantes.

5º Oficina: Produção de jogos para o trabalho da Educação Patrimonial com crianças

Esta oficina também foi realizada no 'I Ciclo de Oficinas: Educação Patrimonial de Bananeiras'. Nesta atividade as participantes confeccionaram jogos e atividades lúdicas, que tematizavam o patrimônio histórico de Bananeiras.

Imagem 27: Momentos realizados nas Oficinas



Fonte: Acervo da autora, 2017.

Dentre os jogos produzidos tiveram: árvores genealógicas (tanto aquelas produzidas manualmente quanto por meio do auxílio da plataforma online MyHeritage³⁶), quebra-cabeças e jogos de memórias. Outro aplicativo utilizado, produzido pelo IPHAN e disponível para download gratuitamente, foi o Trilha Cultural. Este jogo

[...] propõe a ampliação do repertório cultural a partir do contato com o patrimônio artístico-cultural nacional e sua diversidade, bem como estabelece um diálogo com professores e estudantes sobre a compreensão dos potenciais educativos desses espaços, entendendo-os como recursos sócio-inclusivos.³⁷

Como jogos interdisciplinares sugerimos o Circuito do Saber³⁸, assim como atividades que trabalham figuras geométricas a partir da arquitetura (forma) dos prédios. Essa utilização de jogos, segundo os pressupostos da educação patrimonial, ampliam horizontes,

³⁶Esta plataforma, também disponível em forma de aplicativo, trabalha com a produção de árvores genealógicas, cruzando dados na rede e ampliando as possibilidades de confecção da árvore. Está disponível no seguinte endereço eletrônico: <<https://www.myheritage.com>>

³⁷Citação disponível no site da plataforma. Consultar endereço eletrônico <<http://www.plataformadoletramento.org.br/acervo-jogos/1077/trilha-cultural.html>>.

³⁸Nesse jogo podemos trabalhar com diversas áreas do saber: Ditado de palavras com os nomes dos prédios históricos; separação silábica (a partir do nome o jogador escreverá no quadro a palavra e sua separação, podendo classificar quanto a separação e o número de sílabas, hiatos e ditongos), lateralidade (direção do jogo por meio do caminho exposto pelos pinos) e etc.

oportunizando aos sujeitos desde a própria confecção do jogo ao momento lúdico de interação. Para Alves e Figueiredo (2015, p.20),

A confecção de jogos didáticos é um recurso metodológico prático e motivador, que proporciona a participação efetiva, despertando a imaginação e o raciocínio lógico. Através da construção de jogos relacionados ao espaço vivido cotidianamente, a pessoa identifica-se com situações vividas na família e demais locais. Desta forma, quando constrói um jogo e quando joga, a pessoa transforma e interpreta sua realidade, cria oportunidades, enfrenta desafios reais, assim, realiza as atividades com prazer, participando espontaneamente e estabelecendo as regras para dar continuidade ao jogo.

A utilização (construção) de jogos sobre os espaços históricos, ou ainda, fora do âmbito escolar, como nos museus, possibilita uma experiência positiva, visto que o visitante age de forma ativa em relação aos bens culturais, construindo uma relação afetiva e interativa com seus objetos. A partir destas experiências sugeridas (oficinas elaboradas pelo Manual e pelo Guia de atividade práticas de EP) e vivenciadas (as oficinas que foram aplicadas em nosso projeto) podemos desenvolver um olhar diferenciado de ver e de visitar o museu. No entanto, nossa proposta também envereda pelas contribuições que podemos oferecer para a realização de atividades lúdicas dentro do espaço do MSC

Convidamos os/as leitores/as deste texto a uma ida ao Museu Simeão Cananéia, embarcando na escrita que se segue e que narra a experimentação de uma atividade em educação patrimonial planejada e aplicada por nós na visita de uma escola ao museu.

3.5. Um passeio ao Museu: "Oficina: Um Museu de cores, um Museu de vida!"

No dia 22 em uma quarta-feira do mês de novembro em 2017, uma turma do pré I (composta por 10 alunos com faixa etária de 4 e 5 anos de idade) da Escola de Educação Infantil Donzinha Bezerra, município de Bananeiras, visitou o Museu Simeão Cananéia. Logo retomei minhas lembranças da minha primeira visita ao 'Museu Pedro Américo' e na cidade de Areia/PB, e imaginei as expectativas que eles poderiam estar construindo sobre esta aventura histórica.

Acompanhados pela professora Amanda Nunes a visita teria a duração de 1h30min. Tudo precisaria estar bem planejado para que eles/elas aproveitassem o máximo³⁹. Este primeiro contato com o museu poderia nortear suas percepções futuras, instigando-os a pensar este espaço como colorido e cheio de vida.

³⁹Confira nosso planejamento no Apêndice 6, página 79.

No primeiro momento recebemos a turma no MSC e começamos a sabatiná-los sobre o que eles faziam ali? O que eles esperavam deste "passeio"? Este levantamento foi primordial para colher dos pequenos os conhecimentos prévios que traziam a respeito da instituição. Em seguida, convidamos os discentes e a professora para realizarem uma pequena caminhada pelo Complexo da Estação, nesta oportunidade fizemos um resumo dos principais acontecimentos que marcaram o lugar em que o MSC está situado. Pudemos perceber o brilho nos olhos das crianças quando contamos que no passado havia um trem que transportava as pessoas em seus vagões de um lugar para outro.

Imagem28: Momento da caminhada pelo Complexo da Estação, 2017



Fonte: Acervo da autora,2017.

Voltando ao museu ilustramos, através de maquete produzida por nós, como funcionava o Complexo, evidenciando a finalidade de cada prédio: o atual restaurante como plataforma de embarque e desembarque do trem, a pousada como o antigo armazém que guardava produtos, principalmente o café; o prédio que funciona o museu como a casa onde morava o fiscal do Trem... ofertamos uma viagem pelo mundo da imaginação, no momento que encenávamos com o trem, as crianças faziam seu barulho, participando deste momento conosco.

Imagem 29: Momento da apresentação do complexo através da maquete, 2017



Fonte: Acervo da autora, 2017.

Esta abordagem teve como direcionamento o que propõe o Guia de EP, que assinala que:

Ao utilizar um **monumento** ou **sítio histórico** no processo educacional, como parte integrante do programa curricular em diferentes disciplinas, estamos propondo uma série de questões, das quais a principal é: *como era este lugar no passado e como ele mudou?* As questões que ocorrerão podem ser: *quão antigo é o lugar? Quem o construiu? Porque o construíram? Como o construíram? Como se relaciona com outros lugares ou construções antigas? O que aconteceu aqui? Como sabemos isto?* Na base destas perguntas está a intenção de compreender a **evidência física** que observamos, com o intuito de conhecer mais sobre ela, sobre a vida no local e as mudanças que ocorreram, de modo a perceber sua importância ou significados no presente (HORTA; GRUNBERG; MONTEIRO; 1999, p.19) *As alterações em itálico foram nossas.*

Indagações como estas foram surgindo, e a cena foi se desencadeando a medida que as crianças participavam. No momento seguinte, conduzimos as crianças aos espaços da instituição, apresentando os objetos expostos esperando que a partir deles surgissem as dicas sobre o que eram? E a sua antiga finalidade?. Íamos conduzindo as crianças pelo contar da história, situando-as crianças no tempo e em sua memória afetiva, quando indagávamos: Quem já viu este objeto? Existe algo parecido na casa de seus familiares?

De acordo com o Guia de EP (1999, p.18.),

[...] para as crianças, com um tempo de vida mais recente e menor do que os adultos, quase tudo que as rodeia é produto de um “passado distante”, do tempo da vovó. A própria casa, a família ou a escola podem ser material útil para iniciar a compreensão da mudança e continuidade.

Refletimos sobre a mudança sofrida pelos objetos com o passar do tempo, suas novas formas e, conseqüentemente seu possível desaparecimento. Isto nos possibilitou trabalhar com eles sobre a necessidade de preservação, para perceber o que existe e o que não existe mais.

Entre risos e trocas de conhecimentos, fomos informados pela professora que muitas daquelas crianças não conversavam em sala. Mas víamos que o museu se tornou para elas um lugar agradável, onde podiam se expressar.

Imagem 30, 31, 32 e 33: Momento da apresentação dos espaços do museu.



Fonte: Acervo da autora, 2017.

Em todo o tempo da visita conversamos sobre a importância de preservar o patrimônio e de valorizar o espaço que o guarda, a medida que narrávamos contos sobre a história local a partir do objeto que nos deparávamos. Em seguida, passamos a confecção da massinha de modelar caseira, por meio dela eles construiriam as suas próprias representações do que mais lhes chamaram a atenção do acervo. Mostramos primeiramente os materiais necessários para fazer a massinha, as crianças puderam escolher a cor que queriam, como também produzir novas tonalidades a medida que misturavam as cores.

Esta atividade interdisciplinar também corrobora para o desenvolvimento da coordenação motora da criança. Na sequência propomos que representassem alguns objetos que estudamos e conhecemos do MSC, e cada um dos pequenos criou sua representação e apresentou suas produções aos colegas.

Imagens 34, 35, 36 e 37: Momento da confecção da massinha e suas representações



Fonte: Acervo da autora, 2017.

Segundo Dohme (2003) a prática de atividades pedagógicas em instituições históricas pode ser desenvolvida por meio de jogos didáticos, que promovem o desenvolvimento de várias habilidades. Por meio, os visitantes desenvolvem a afetividade e a inteligência, como também podem assimilar a importância do cumprimento de regras na sociedade. Sob este olhar, os jogos auxiliam no processo de apropriação do conhecimento sobre o patrimônio histórico cultural, de forma agradável e lúdica.

Após uma pausa para o lanche⁴⁰, caminhamos para a última fase da visita. Dividimos a turma em duplas e distribuímos os jogos da memória e os quebra-cabeças também produzidos por nós artesanalmente, com materiais distintos (madeira, cartolina, EVA e etc). Eles traziam a tons dos patrimônios arquitetônicos da cidade de Bananeiras como o MSC e a Igreja de Nossa Senhora do Livramento. Outros traziam elementos que compõem o próprio acervo do museu.

Imagens 38, 39, 40, 41 e 42: Jogos confeccionados pela autora

⁴⁰Confira a foto deste momento no Apêndice 7, página 81.



Fonte: Acervo da autora, 2017.

No momento seguinte estipulamos um tempo para que as crianças pudessem brincar com os jogos. Estes passos foram pensados a partir do que sugere o Guia de EP (Horta, Grunberg e Monteiro, 1999), quando aborda as etapas necessárias para o planejamento de uma atividade em EP. Segundo ele:

- **Observação:** nesta etapa instigamos o olhar sensível dos/as alunos/as que estavam visitando o MSC, levando-os/as a contemplar o acervo museológico e a tocar os objetos (os que podiam), ao passo que situávamos no tempo;
- **Registro:** nesta fase discorremos sobre o registrar a experiência por meio da fotografia e da modelagem, a fim de que através do material produzido as crianças materializassem os saberes adquiridos;
- **Exploração:** a terceira etapa diz respeito ao momento dos indivíduos construírem memórias fazendo analogias com o que se aproxima de suas relações cotidianas;
- **Apropriação:** nesta última etapa houve o momento de internalização da experiência educativa, externando atitudes de identificação do patrimônio, sementes que se desdobrarão no desejo de preservação e valorização do que é histórico.

Vejam a seguir alguns momentos dessa experiência brincante:

Imagens 43, 44 e 45: Momento dos Jogos e da partilha



Fonte: Acervo da autora, 2017.

Após este momento final realizamos uma roda de conversa abordando tudo que havíamos aprendido no MSC. As crianças compartilharam o quanto gostaram da visita, e ficaram ansiosos para voltar ao museu!!!

No museu somos capazes de viajar no/pelo tempo, criando e vivenciando um universo de imaginação e aventura histórica, rumo ao conhecimento. O encantador de se visitar um museu é se deixar envolver nas narrativas que ele tece, cientes que ao retornamos ao mesmo museu novas descobertas sempre acontecerão. Este novo e frequente olhar precisa estar orientado por intenções pedagógicas, daí a necessidade de se pensar este espaço como um lugar também organizado por um pedagogo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho monográfico buscou-se discutir o Museu Simeão Cananéia (MSC), como um "lugar de saber e de educação do olhar". Construímos um estudo com vistas a fomentar a utilização do espaço museológico como um ambiente de construção da memória coletiva e avigoramento da identidade local. Esta narrativa fez alusão a uma viagem de trem, que em cada desembarque buscou propiciar aos visitantes conhecer 'Bananeiras' a partir de uma temporalidade que diz/cria uma história para o MSC.

Para tanto, discorremos sobre a cidade a partir do MSC, desde o Complexo arquitetônico em que está localizado à sua criação no governo de Marta Ramalho no ano de 2009. O MSC, atende atualmente a turistas e escolas, resguardando em sua edificação histórias sobre a cidade.

Foi com o intuito de situar o leitor nesta história, que recorremos aos registros das memórias de sujeitos que presenciaram a criação da instituição, bem como aqueles que atuam cotidianamente neste recinto. Neste trabalho de conclusão de curso norteamos-nos pela pesquisa pelo princípio da pesquisa histórico-documental, por meio de consulta a documentos institucionais que foram de suma importância para conhecer a história deste imóvel. Neste contexto, discutimos o espaço museológico como um ambiente de educação não-formal e patrimonial, tendo em vista as diversas possibilidades educativas que se é possível aplicar em museus, por meio da construção de propostas didáticas que possam auxiliar no desenvolvimento de atividades interdisciplinares, dinâmicas e lúdicas, tornando o Museu um espaço atrativo para as crianças.

A partir das nossas análises foi possível constatar que o MSC é um espaço provedor de educação, cultura e memória, mas que anda sendo despercebido como tal. É primordial que o poder público mantenha este espaço não só como ponto turístico, aberto a visitas, mas também como um ambiente onde atividades possam ser planejadas e desenvolvidas para sensibilizar a identificação e o desejo de pertencimento dos filhos desta terra a história cidadina.

Acreditamos ainda, que por meio deste trabalho, pudemos contribuir com ideias que auxiliem na promoção de novas atividades, tornando o museu um espaço de aprendizagem. É com imensa alegria que tecemos as linhas finais deste estudo, certas de que o trabalho construído pode ser sinalizado para pesquisas futuras que potencializem o museu como um espaço educativo. O apito da maria fumaça já soa avisando a chegada ao destino final, mas a

viagem não acaba por aqui, grande é o desejo de continuarmos traçando novas perspectivas sobre o MSC em outras oportunidade de formação.

REFERÊNCIAS

ALVES, Heliana de Moraes; FIGUEIREDO, Lauro César. **A Prática da Educação Patrimonial: Uma experiência no município de Restinga Sêca /RS. Educação Patrimonial: Diálogos entre escola, museu e cidade.** Caderno Temático 4. Casa do Patrimônio da Paraíba, 2015.

ARAÚJO, Helena Maria Marques; Candau, Vera Maria. **Museu da Maré: entre educação, memórias e identidades.** Rio de Janeiro, 2012. 238p. Tesede doutorado – Departamento de Educação, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

BRASIL. Estatuto Brasileiro de Museus. **Legislação sobre os museus.** 2º edição. Câmara dos deputados. Série Legislação, 2013.

CADERNO DE DIRETRIZES MUSEOLÓGICAS 1. Brasília: Ministério da Cultura / Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional / Departamento de Museus e Centros Culturais, Belo Horizonte: Secretaria de Estado da Cultura/ Superintendência de Museus, 2º Edição, 2006.

CÂNDIDO, Manuelina Maria Duarte. **Orientações para gestão e planejamento de museus.** Coleção Estudos Museológicos. V.3. Florianópolis, 2014.

DOHME, Vânia. *Atividades Lúdicas na Educação: o caminho de tijolos amarelos do aprendizado.* Petrópolis: Vozes, 2003.

GOHN, Maria da Glória Marcondes. **Educação não formal e o educador social: atuação no desenvolvimento de projetos sociais.** São Paulo: Cortez, 2010.

_____, Maria da Glória. **Educação Não-Formal, Participação da Sociedade civil e Estruturas colegiadas nas Escolas.** Ensaio: aval. Pol. Públ., Rio de Janeiro, v. 14, n.50, p. 27-38, Jan./Mar/2006.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social.** 5. ed. São Paulo: Atlas, 1999.

GRUNBERG, Evelina. **Manual de atividades práticas de educação patrimonial** / Evelina Grunberg. __ Brasília, DF: IPHAN, 2007.

HORTA, Maria de Lourdes Parreira; GRUNBERG, Evelina; MONTEIRO, Adriane Queiroz. **Guia Básico de Educação Patrimonial.** Museu Imperial IPHAN/MinC. Brasília, 1999.

IBRAM. Instituto Brasileiro de Museus. Disponível em: <<http://www.museus.gov.br/os-museus/>> Acesso em: 05/09/2017.

IPHAN. Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Educação Patrimonial : **Manual de aplicação : Programa Mais Educação** / Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. – Brasília, DF : Iphan/DAF/Cogedip/Ceduc, 2013. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=12900-manual-aplicacao-educacao-patrimonial-pdf&Itemid=30192>. Acesso em: 03/09/2017

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos da metodologia científica.** 5 ed.- São Paulo: Atlas, 2003.

MATTOS, Yara. 2005. **Os museus e seus amigos.** Disponível em: <<https://www.revistamuseu.com.br/site/br/>>. Acesso em: 29/11/17

NORA, Pierre. **Entre memória e história: a problemática dos lugares.** Projeto História, São Paulo, n.10, dez. 1993, p.7-28.

OLIVERIRA, Carlos Daetwyler Xavier; SOARES, Newton Fabiano. **O ABC dos museus: relatos e experiências de sala de aula. Educação Patrimonial: Diálogos entre escola, museu e cidade.** Caderno Temático 4. Casa do Patrimônio da Paraíba, 2015.

PAULINO, KLEBER MAGNO TOSCANO. **Um olhar elementar sobre a Cidade de Bananeiras -PB.** Monografia (Graduação em Geografia) Centro de Ciências Exatas e da Natureza. Departamento de Geociências. Universidade Federal da Paraíba. João Pessoa – Campus I. João Pessoa - PB. UFPB, 2007.

PRADO, Eliane Mimesse. **A importância das fontes documentais para a pesquisa em História da Educação.** InterMeio: revista do Programa de pós-graduação em educação, Campo Grande, MS, v.16,n.31,p.124-133, jan./jun.2010. Disponível em: <<http://www.intermeio.ufms.br/ojs/index.php/intermeio/article/view/44>>.

RODRIGUES, Eliene de Camargo. **Ferramentas do Marketing na museologia.** Monografia AVM Faculdade Integrada. Cruzeiro-SP, 2013.

SANTOS, Suelly Cinthya Costa dos. **Educação e trabalho para meninos desvalidos: um estudo sobre o Patronato Agrícola de Bananeiras (1924-1947).** Dissertação (Mestrado)-UFPB/CCHL. João Pessoa, 2015.

SILVA, Manoel Luiz da. **Bananeiras Uma visão do passado.** Bananeiras: editora local, 2016.

_____, Manoel Luiz da. **Bananeiras: sua História, seus valores.** Bananeiras, 1997.

VON SIMSON, Olga R. M.; PARK, Margareth B.; FERNANDES, Renata S. (orgs) **Educação não-formal: cenários da criação.** Campinas: Editora da UNICAMP/ Centro de memória, 2001.

FONTES CONSULTADAS

Blog Estações ferroviárias. Disponível em:
<<http://historiaferroviariaparaibana.blogspot.com.br/2009/09/estacao-de-bananeiras.html>>

Blog Fontes. Disponível em:<<http://fontesgerais.blogspot.com.br/2011/09/tipos-de-museus.html>>.

Blog Ramalho Leite “Notícias e informações. Disponível em:
<<http://www.ramalholeite.com.br/index.asp>>

APÊNDICES

APÊNDICE 1: TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Prezado (a) Senhor (a)

Esta pesquisa é sobre o "**MUSEU SIMEÃO CANANEIA**"- **UM ESPAÇO EDUCATIVO EM BANANEIRAS** e está sendo desenvolvida por Rayane Cristina, aluna do Curso de Pedagogia da Universidade Federal da Paraíba, sob a orientação da Profa. Dra. Vivian Galdino de Andrade.

O objetivo deste estudo é discutir o ambiente museológico como um espaço de educação não formal, para tanto pretendemos fazer um apanhado histórico sobre o surgimento do museu, o espaço histórico onde ele está situado, seu acervo por meio da metodologia da educação patrimonial. Nosso trabalho poderá contribuir com um novo olhar pedagógico sobre este espaço educativo, por meio da construção de propostas didáticas que possam ser utilizadas nas visitas realizadas por escolas no Museu Simeão Cananéia.

Solicitamos a sua colaboração para responder o questionário, como também sua autorização para apresentar os resultados deste estudo em eventos da área de educação e publicar em revista científica (*se for o caso*). Por ocasião da publicação dos resultados, seu nome será mantido em sigilo. Informamos que essa pesquisa não oferece riscos.

Esclarecemos que sua participação no estudo é voluntária e, portanto, o(a) senhor(a) não é obrigado(a) a fornecer as informações e/ou colaborar com as atividades solicitadas pelo Pesquisador(a). Caso decida não participar do estudo, ou resolver a qualquer momento desistir do mesmo, não sofrerá nenhum dano.

Os pesquisadores estarão a sua disposição para qualquer esclarecimento que considere necessário em qualquer etapa da pesquisa.

Diante do exposto, declaro que fui devidamente esclarecido(a) e dou o meu consentimento para participar da pesquisa e para publicação dos resultados. Estou ciente que receberei uma cópia desse documento.

Assinatura do Participante da Pesquisa

Contato com o Pesquisador (a) Responsável: Caso necessite de maiores informações sobre o estudo, favor ligar para a pesquisadora Rayane Cristina (991295500) ou para a pesquisadora orientadora Vivian Galdino (999035444). Atenciosamente,

Assinatura do Pesquisador

VIVIAN GALDINO DE ANDRADE

Matrícula SIAPE: 18187770

Assinatura do Pesquisador Orientador

APÊNDICE 2: Roteiro Questionário

Participante: Marta Eleonora Aragão Ramalho

- 1- Em nossas pesquisas percebemos que o período de sua gestão em Bananeiras foi marcado por diversas propostas em torno da valorização do Patrimônio Cultural da cidade. A senhora poderia nos falar mais sobre isto? Que propostas foram desenvolvidas em seu governo neste período?
- 2- Mais especificamente sobre a fundação do Museu Simeão Cananea:
 - a. Poderia mencionar como surgiu a intenção de criá-lo?
 - b. Por quais locais o Museu já passou?
 - c. Existe alguma documentação oficial que confirme a criação deste espaço, como uma ata de fundação? Poderia nos ceder uma cópia?
 - d. Como se deu o planejamento dos espaços que compõe o Museu?
 - e. E a coleta do acervo que é exposto neste espaço?
- 3- O nome do museu rende homenagem a um cidadão paraibano pertencente à cidade de Remígio, Simeão Cananea. Sobre esta homenagem:
 - a. Nos narre como se deu?
 - b. Por que a escolha deste nome para intitular o Museu?
 - c. Qual o vínculo que Simeão Cananea possui com a cidade de Bananeiras?
- 4- O Centro Histórico da cidade foi tombado pelo IPHAEP durante o seu governo. A senhora poderia nos trazer suas memórias deste período? Como se deu esse processo de tombamento e qual a ligação que a prefeitura na época manteve com o IPHAEP?
- 5- Para a criação do Museu, a prefeitura recebeu e/ou procurou o auxílio ou alguma formação fornecida pelos órgãos do IPHAN (Instituto Nacional do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional), IPHAEP (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico do Estado da Paraíba) e do IBRAM (Instituto Brasileiro de Museus)?
- 6- Havia alguma política em vigor a favor do patrimônio histórico no período de sua administração? O que a motivou a desempenhar projetos pela valorização do patrimônio histórico da cidade?
- 7- Nos dias atuais, mesmo não mais envolvida em cargos de gestão na cidade, a senhora desempenha ou participa de alguma atividade que dê relevo ao patrimônio histórico do município?

APÊNDICE 3: Roteiro Questionário

Participante: Jaime de Oliverirasouza

- 01- Em que ano o senhor assumiu o cargo de diretor do **Museu Simeão Cananéia**? Existiu alguém antes do senhor? Quem?
02. O **museu** possui alguma página eletrônica? Algum projeto de informatização do espaço?
03. Como encontrou o **Museu** no início do seu trabalho? Como ele se organizava quanto as atividade e ao acervo?
- 04- Quais foram suas primeiras ações na direção do **Museu**? Como ele atualmente recebe os visitantes (turistas e habitantes da cidade)?
05. Quais os desafios que o senhor encontra para geri-lo? Existe uma equipe que o auxilia na manutenção e na organização das atividades desempenhadas?
- 06- Quanto as comemorações que tomam o Museu como foco (como a Semana do Museu), como elas são\foram organizadas?
- 07- Há algum projeto educativo que incentive a visitaçao e /ou estimule a interaçao dos visitantes com a instituicao?

APÊNDICE 4: Roteiro Questionário

Participante: Josinalva Maia Martins

- 01- Quando surge o Museu Simeão Cananéia (MSC) e a que Secretaria Municipal ele está vinculado?
- 2- Como a Secretaria (de Turismo e/ou de Educação) trabalha com a utilização do espaço museológico?
- 03- Esta Secretaria auxilia\pensa o Museu como um espaço integrado as questões educacionais? Existe alguma política de incentivo, valorização e preservação deste patrimônio local?
04. Sobre o acervo museológico, existe alguma ação que pense a aquisição, ampliação e manutenção dos elementos que compõe o Museu?
05. A cidade de Bananeiras não possui um arquivo municipal, um espaço voltado para a pesquisa e a salvaguarda de seu patrimônio documental. Existe, por parte desta Secretaria, algum projeto de criação neste sentido? Caso não, como costuma ser pensado a preservação do patrimônio documental da cidade?
06. Sendo Bananeiras conhecida no estado como uma cidade histórica, esta Secretaria desenvolve algum projeto e\ou alguma ação em torno da educação patrimonial na rede municipal de ensino? Poderia comentar e detalhar mais sobre isso?

APÊNDICE 5: Roteiro Questionário

1-Professor (a) a escola em que você atua promove visitas ao Museu Simeão Cananeia?

Sim () Não ()

2- Vocês conhece a história do Museu Simeão Cananeia?

Sim () Não ()

3- O que você acha da utilização do museu como espaço educativo?

4- Em sua opinião, qual a importância de instigar nos alunos a preservação do patrimônio histórico, mais especificamente o museu.

5- Já utilizou o museu como uma aula de campo? Conte sua experiência evidenciando que atividades nortearam a aula-visita.

6- Na escola em que você atua há alguma proposta dentro do Projeto Político Pedagógico de trabalhar com a Educação Patrimonial em Museus?

APÊNDICE 6: PLANO DE AULA

VISITA AO MUSEU SIMEÃO CANANÉIA EM BANANEIRAS

OBJETIVO GERAL

✓ Compreender a importância do museu enquanto local de educação e memória.

OBJETIVOS ESPECIFICOS

✓ Conhecer a história resguarda no local em que se situa o museu;

✓ Construir um vínculo com ambiente museológico;

✓ Despertar o imaginário através das brincadeiras realizadas na aula-visita;

✓ Perceber a necessidade de valorizar e preservar o museu.

MATERIAL UTILIZADO: maquete; quebra-cabeça; jogo da memória; farinha de trigo; corante alimentício; sal; óleo e água.

PÚBLICO ALVO: Pré I

METODOLOGIA

1º Momento: Para esta etapa inicialmente de forma informal conversaremos a respeito do projeto a ser trabalhado, fazendo um levantamento dos conhecimentos prévios dos alunos;

2º Momento: Os alunos serão convidados a realizar um passeio pelo local em que está localizado o museu, na sequência em uma roda de conversa será apresentado o recinto e os espaços que compõem o museu. Com a utilização da maquete, será esclarecido como funcionava aquele espaço anos atrás de maneira lúdica e clara. De maneira dinâmica e coletiva os alunos serão instigados a refletir sobre a importância de preservar e valorizar o museu, como também entender por qual motivo ele existe;

3º Momento: Em seguida juntamente com as crianças será proposto a confecção da massinha de modelar, com a utilização desta para a representação dos objetos do museu;

4º Momento: Abriremos espaço para a apreciação das produções realizadas pela turma;

5º Momento: Lavar as mãos;

PAUSA PARA O LANCHE

6º Momento: Nesta etapa a turma será dividida em duplas, e será distribuído os jogos construídos: jogos da memória(de alguns dos elementos que compõem o acervo do museu) e quebra-cabeça(foto do busto de Solón de Lucena e do próprio museu);

7º Momento: Roda final, com conversa sobre as atividades desenvolvidas e compartilhamento de conhecimentos adquiridos com a experiência de visitar o museu.

Avaliação: A avaliação será pontual onde será observado a participação e o entrosamento das crianças diante das atividades propostas.

APÊNDICE 7: FOTOS



Almoxarifado
Fonte: Acervo da autora,2017.



Maria Fumaça
Fonte: Acervo da autora,2017.



Momento do lanche
Fonte: Acervo da autora,2017.

ANEXOS

ANEXO 1: FOTO DO TÚNEL VIRACÃO



Atual Túnel da Viração
Fonte: Projeto da Educação Patrimonial, 2017

ANEXO 2: INVENTÁRIO ACERVO DA RESERVA TÉCNICA

INVENTÁRIO ACERVO DA RESERVA TÉCNICA							
Nº de registro	Nº de Inventário / Controle	Objeto	Matéria/Técnica	Forma Aquisição	Ex-proprietário	Localização	Estado de Conservação
0001	0001	Oratório caseiro	Vidro e madeira	Doação	Antigo Centro Cultural	Reserva Técnica	Corroído por cupins
0002	0002	Cadeira cativa para meditação religiosa	Madeira	Doação	Antigo Centro Cultural	Reserva Técnica	Corroído por cupim e falta de palhinha no assento
0003	0003	Pedestal	Madeira	Doação	Antigo Centro Cultural	Reserva Técnica	Corroído por cupins
0004	0004	Genuflexório	Madeira com revestimento aveludado	Doação	Antigo Centro Cultural	Reserva Técnica	Corroído por cupim, pé quebrado e parte aveludada estragada
0005	0005	Almofada de Bilros	Tecido Grosso	Doação	Antigo Centro Cultural	Reserva Técnica	A refazer
0006	0006	Mesa de apoio	Madeira	Doação	Antigo Centro Cultural	Reserva Técnica	Parte corroída por cupins
0007	0007	Santo popular desconhecido	Madeira	Doação	Antigo Centro Cultural	Reserva Técnica	Sem braços e pintura estragada
0008	0008	Máquina de costurar manual – 1920		Doação	Antigo Centro Cultural	Reserva Técnica	
0009	0009	Máquina de costurar manual – Início do Século XX		Doação	Antigo Centro Cultural	Reserva Técnica	
0010	0010	Máquina de costurar manual – 1915		Doação	Antigo Centro Cultural	Reserva Técnica	Restaurar a base de madeira
0011	0011	Foto de Dr. Clóvis Bezerra		Doação	Antigo Centro Cultural	Reserva Técnica	Sem moldura e se desfragmentando
0012	0012	Foto de um padre sem identificação		Doação	Antigo Centro Cultural	Reserva Técnica	Sem moldura
0013	0013	Pintura não identificada		Doação	Antigo Centro Cultural	Reserva Técnica	Sem moldura
0014	0014	Quadro demonstrativo dos poderes executivo e legislativo		Doação	Antigo Centro Cultural	Reserva Técnica	Restaurar por completo
0015	0015	Quadro em homenagem aos presidentes da Câmara Municipal de Bananeiras, por ocasião dos 50 anos da casa legislativa – 1947 à 1997.		Doação	Antigo Centro Cultural	Reserva Técnica	Em perfeitas condições
0016	0016	Busto do médico Dr. Mariano Barbosa, que foi prefeito e vereador em Bananeiras	Pedra Sabão	Doação	Antigo Centro Cultural	Reserva Técnica	
0017	0017	Busto de Epitácio Pessoa – instalado em Praça homônima em 4 de abril de 1941	Bronze	Doação	Antigo Centro Cultural	Reserva Técnica	Não está no Museu
0018	0018			Doação	Antigo Centro Cultural	Reserva Técnica	
0019	0019			Doação	Antigo Centro Cultural	Reserva Técnica	
0020	0020			Doação	Antigo Centro Cultural	Reserva Técnica	
0021	0021			Doação	Antigo Centro Cultural	Reserva Técnica	
0022	0022	Bule Inglês – Final do Século XIX (Johnson Bros)	Porcelana	Doação	Antigo Centro Cultural	Reserva Técnica	Sem tampa e borda interna quebrada
0023	0023	Sopeiro Inglês – Final do Século XIX (Johnson Bros)	Porcelana	Doação	Antigo Centro Cultural	Reserva Técnica	Sem uma das asas
0024	0024	Bule chinês importado pela Inglaterra – Início do século XX	Porcelana	Doação	Antigo Centro Cultural	Reserva Técnica	Sem tampa
0025	0025	Bule chinês importado pela Inglaterra – Início do século XX		Doação	Antigo Centro Cultural	Reserva Técnica	Parte superior da tampa danificada
0026	0026	Dois Exemplares das primeiras telhas antigas da Matriz de Nossa Senhora do Livramento – Século XIX	Cerâmica	Doação	Antigo Centro Cultural	Reserva Técnica	
0027	0027	Candeiro a gás – década de 1980	Vidro e alumínio	Doação	Antigo Centro Cultural	Reserva Técnica	
0028	0028			Doação	Antigo Centro Cultural	Reserva Técnica	
0029	0029	Espora para botina de vaqueiro - 1950	Ferro	Doação	Antigo Centro Cultural	Reserva Técnica	
0030	0030	Campainha de birô - 1930	Ferro	Doação	Antigo Centro Cultural	Reserva Técnica	
0031	0031	Cinzeiro - 1930	Bronze	Doação	Antigo Centro Cultural	Reserva Técnica	
0032	0032	Troféu primeiro lugar – Futebol de salão – final de férias (01.02.1985)		Doação	Antigo Centro Cultural	Reserva Técnica	
0033	0033	Troféu terceiro lugar – Futebol de salão – Porto Velho (Agosto de 1987)		Doação	Antigo Centro Cultural	Reserva Técnica	
0034	0034	Troféu independência oferta da prefeitura municipal -		Doação	Antigo Centro Cultural	Reserva Técnica	

		1980					
0035	0035	Primeiro campeonato Vereador Assis Cunegundes Decisão zona Urbana X Zona Rural – década de 1980		Doação	Antigo Centro Cultural	Reserva Técnica	
0036	0036	Primeiro campeonato Vereador Assis Cunegundes futebol de Campo – década de 1980		Doação	Antigo Centro Cultural	Reserva Técnica	
0037	0037	Troféu Marta Ramalho – Campeão do Torneio Início da Copa Verão – 22.03.1992	Plástico e alumínio	Doação	Antigo Centro Cultural	Reserva Técnica	Oxidados e faltando partes
0038	0038	Troféu Augusto Bezerra Neto – Vencedor do jogo inaugural da ampliação do campo do sítio Roma – 24.11.1984		Doação	Antigo Centro Cultural	Reserva Técnica	
0039	0039	Troféu Primeiro Campeonato de duas infantil – vereador Edgar Santa Cruz - 1989		Doação	Antigo Centro Cultural	Reserva Técnica	
0040	0040	Placa da inauguração do matadouro municipal- 1945	Ferro	Doação	Antigo Centro Cultural	Reserva Técnica	
0041	0041	Placa da inauguração do busto de Epiácio Pessoa - 1941	Bronze	Doação	Antigo Centro Cultural	Reserva Técnica	
0042	0042	Placa Joaquim Medeiros – Cirurgião dentista – sem data	Bronze	Doação	Antigo Centro Cultural	Reserva Técnica	

0043	0043	Placa do busto Dr. Mariano Barbosa – sem data	Aço	Doação	Antigo Centro Cultural	Reserva Técnica	
0044	0044	Suporte para a colagem de sola de sapato – década 1950	Ferro	Doação	Antigo Centro Cultural	Reserva Técnica	
0045	0045	2 Chaleiras - 1950	Ferro	Doação	Antigo Centro Cultural	Reserva Técnica	
0046	0046	Cadeado japonês - 1960	Ferro	Doação	Antigo Centro Cultural	Reserva Técnica	
0047	0047	Alicate de prensa - 1950	Ferro	Doação	Antigo Centro Cultural	Reserva Técnica	
0048	0048	Perfurador de papel - 1950	Ferro	Doação	Antigo Centro Cultural	Reserva Técnica	
0049	0049	4 enxadas sem cabo – 1960	Ferro	Doação	Antigo Centro Cultural	Reserva Técnica	
0050	0050	Espada sem cabo - final do Séc. XIX	Ferro	Doação	Antigo Centro Cultural	Reserva Técnica	Enferrujada
0051	0051	Suporte para a biblia - 1990	Aço	Doação	Antigo Centro Cultural	Reserva Técnica	
0052	0052	Abridor para tampa de garrafa em formato de chave Malibu Hotel Pallace Cabo Frio	Bronze	Doação	Antigo Centro Cultural	Reserva Técnica	
0053	0053	Máquina de datilografia - 1960		Doação	Antigo Centro Cultural	Reserva Técnica	
0054	0054	Grampeador – 1980	Ferro	Doação	Antigo Centro Cultural	Reserva Técnica	
0055	0055	Balança para pesar café e algodão - 1950	Ferro	Doação	Antigo Centro Cultural	Reserva Técnica	
0056	0056	Ornamento... (jarro)		Doação	Antigo Centro Cultural	Reserva Técnica	

0057	0057	Máquina para moer café da Tupan - elétrica	Ferro	Doação	Antigo Centro Cultural	Reserva Técnica	
0058	0058	Bomba para puxar gás		Doação	Antigo Centro Cultural	Reserva Técnica	
0059	0059	Serra para madeira		Doação	Antigo Centro Cultural	Reserva Técnica	
0060	0060	Quadro com foto do poeta Luiz Bezerra Cavalcanti		Doação	Antigo Centro Cultural	Reserva Técnica	
0061	0061	Livro de registro de escravos datado a partir de 1874	Papel	Doação	Antigo Centro Cultural	Reserva Técnica	Dados ilegíveis
0062	0062	Quadro Grande Diploma de Honra do Instituto Técnico e industrial conferido ao Sr. Pedro Ferreira da Silva (14 de Março de 1928)		Doação	Antigo Centro Cultural	Reserva Técnica	
0063	0063	Quadro com foto da professora Maria Eunice S. Moreira		Doação	Antigo Centro Cultural	Reserva Técnica	Restaurar Moldura
0064	0064	Quadro com foto de Antônio Pessoa Guimarães		Doação	Antigo Centro Cultural	Reserva Técnica	Restaurar moldura e foto
0065	0065	Quadro com foto de Dr. Miguel Levino de Oliveira		Doação	Antigo Centro Cultural	Reserva Técnica	Restaurar foto e moldura
0066	0066	Nomeação Eclesiástica		Doação	Antigo Centro Cultural	Reserva Técnica	Restaurar moldura e documento
0067	0067	Quadro com foto do matadouro público		Doação	Antigo Centro Cultural	Reserva Técnica	Restaurar foto e documento
0068	0068	Quadro com 04 fotos de desfile cívico e formatura		Doação	Antigo Centro Cultural	Reserva Técnica	
0069	0069	Quadro com fotos do ex-servidor público estadual		Doação	Antigo Centro Cultural	Reserva Técnica	

0070	0070	José Homero de Araújo. Quadro com fotos de tenentes da década de 1920.		Doação de Dona Lúcia Lira	Antigo Centro Cultural	Reserva Técnica	
0071	0071	Quadro com foto de Solon de Lucena (Presidente do Estado da Paraíba)		Doação	Antigo Centro Cultural	Reserva Técnica	Restaurar foto
0072	0072	Quadro com foto do Governador Clóvis Bezerra		Doação	Antigo Centro Cultural	Reserva Técnica	Restaurar a moldura
0073	0073	Quadro com foto do Senador Humberto Lucena		Doação	Antigo Centro Cultural	Reserva Técnica	
0074	0074	Quadro com foto da professora Maria do Socorro Frazão		Doação	Antigo Centro Cultural	Reserva Técnica	Restaurar a moldura e foto
0075	0075	Quadro com pintura do Presidente da República Epitácio Pessoa		Doação	Antigo Centro Cultural	Reserva Técnica	Restaurar Moldura e pintura
0076	0076	Quadro com pintura em alto relevo bordado		Doação	Antigo Centro Cultural	Reserva Técnica	
0077	0077	Quadro com foto do Prefeito Homero Almeida de Araújo		Doação	Antigo Centro Cultural	Reserva Técnica	
0078	0078	Quadro com foto do Prefeito Augusto Bezerra Cavalcanti		Doação	Antigo Centro Cultural	Reserva Técnica	
0079	0079	Quadro com foto do Prefeito Dr. Antônio Coutinho Filho		Doação	Antigo Centro Cultural	Reserva Técnica	
0080	0080	Quadro com foto do Prefeito Dr Mariano Barbosa		Doação	Antigo Centro Cultural	Reserva Técnica	

0081	0081	Quadro com foto do Prefeito Mozart Bezerra Cavalcanti		Doação	Antigo Centro Cultural	Reserva Técnica	
0082	0082	Quadro com 04 fotos (Colégio Agrícola, const. Rodovia Bananeiras Dona Inês, Vereadores de 1951)		Doação	Antigo Centro Cultural	Reserva Técnica	
0083	0083	Quadro com foto da professora Helena Bento		Doação	Antigo Centro Cultural	Reserva Técnica	
0084	0084	Diploma de Eleitor Geral da cidade Bananeiras (1878)		Doação	Antigo Centro Cultural	Reserva Técnica	Restaurar
0085	0085	Registro para o comércio (ou fabrico) de estivas. Coletoria Federal (1928)		Doação	Antigo Centro Cultural	Reserva Técnica	Restaurar
0086	0086	Título de Eleitor Bananeiras (1881)		Doação	Antigo Centro Cultural	Reserva Técnica	Restaurar
0087	0087	Provisão de freguesia ao Padre de Bananeiras assinada pelo Bispo de Olinda Dom Vital (1879)		Doação	Antigo Centro Cultural	Reserva Técnica	Restaurar
0088	0088	Foto da rua Castro Pinto		Doação	Antigo Centro Cultural	Reserva Técnica	Falta Moldura
0089	0089	Foto da procissão de Nossa Senhora do Livramento (1922)		Doação	Antigo Centro Cultural	Reserva Técnica	Falta Moldura
0090	0090	Foto do calçamento da rua do canal (Pedro de Almeida)		Doação	Antigo Centro Cultural	Reserva Técnica	Falta Moldura

0091	0091	Foto de Trecho do calçamento ainda em construção da rua Cel. A. Pessoa		Doação	Antigo Centro Cultural	Reserva Técnica	Restaurar
0092	0092	Foto da praça Epitácio Pessoa e coreto		Doação	Antigo Centro Cultural	Reserva Técnica	Restaurar
0093	0093	Foto de calçamento da rua Pedro de Almeida		Doação	Antigo Centro Cultural	Reserva Técnica	Falta Moldura
0094	0094	Foto da comemoração dos cem anos de independência. (Praça Epitácio Pessoa – 1922)		Doação	Antigo Centro Cultural	Reserva Técnica	

ANEXO 3: LEI DE INSTAURAÇÃO DO MUSEU



ESTADO DA PARAÍBA
PREFEITURA MUNICIPAL DE BANANEIRAS

LEI MUNICIPAL Nº. 381, DE 20 DE DEZEMBRO DE 2007.

INSTITUI O MUSEU MUNICIPAL
DE BANANEIRAS DÁ OUTRAS
PROVIDENCIAS.

FAÇO SABER QUE A CÂMARA MUNICIPAL DE BANANEIRAS
DECRETA E EU SANCIONO A SEGUINTE LEI:

Art. 1º. – Fica instituído o Museu Municipal de Bananeiras, órgão vinculado à Secretaria de Cultura, Esportes e Turismo.

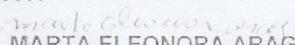
Art. 2º. – O Museu Municipal de Bananeiras terá por sede a antiga residência do Chefe da Estação da Antiga Rede Ferroviária Federal, após a execução de sua recuperação, através de projeto aprovado pelo FIC - Fundo de Incentivo a Cultura Augusto dos Anjos, do Governo do Estado da Paraíba.

Art. 3º. – O Museu constituirá seu acervo com peças que representem o desenvolvimento econômico e social do Município e, também a evolução dos meios de transporte e comunicação, além de fatos, pessoas e coisas que lembrem personalidades que contribuíram com essa evolução histórica municipal

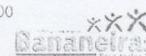
Art. 4º. – O Museu Municipal de Bananeiras será denominado de “Desembargador Semeão Cananêia”, em homenagem ao ex-juiz comarcano, fundador do Colégio Estadual de Bananeiras e emérito defensor da educação e da cultura do nosso povo.

Art. 5º. - Esta Lei entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

PAÇO DA PREFEITURA MUNICIPAL DE BANANEIRAS EM 20 DE
DEZEMBRO DE 2007.


MARTA ELEONORA ARAGÃO RAMALHO
PREFEITA DO MUNICIPIO

Rua Cel. Antonio Pessoa, nº 375 – Centro – Bananeiras/PB – CEP 58220-000
Fone: (0**83) 367 1129 - FAX - (0**83) 367 1080
Site: www.bananeiras.pb.gov.br



ANEXO 4: DECRETO DE TOMBAMENTO DA CIDADE


Estado da Paraíba
Diário Oficial

DECRETO N. 31.842

João Pessoa, Sábado, 04 de dezembro de 2010

Referente ao tombamento da cidade de Bananeiras

Decreto n.º 31.842 de 03 de dezembro de 2010.

Homologa Deliberação N.º 0021/2010 do Conselho de Proteção dos Bens Históricos Culturais-CONPEC - Órgão de Orientação Superior do IPHAEP, declaratória do Tombamento; de delimitação da Poligonal de proteção rigorosa do entorno; classificação quanto ao grau de preservação dos imóveis e, orientações técnicas normativas do Centro Histórico da Cidade de Bananeiras, neste Estado da Paraíba.

O GOVERNADOR DO ESTADO DA PARAÍBA, no uso das atribuições que lhe confere o artigo 86, inciso IV, da Constituição Estadual, e atendendo ao disposto no Art. 40, do Decreto Estadual N.º 7.819, de 24 de outubro de 1978,

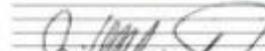
DECRETA:

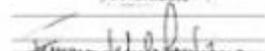
Art. 1.º - Fica homologada a Deliberação N.º 0021/2010 do Conselho de Proteção dos Bens Históricos Culturais - CONPEC, do IPHAEP, na 1099ª Sessão ordinária realizada em 30 de junho de 2010, Declaratória do Tombamento; da delimitação da poligonal de proteção rigorosa e de entorno; classificação quanto ao grau de preservação dos imóveis e orientações técnicas normativas do Centro Histórico da Cidade de Bananeiras, Paraíba pela sua importância cultural, histórica, política e arquitetônica.

Art. 2.º - Para efeito do Tombamento a que se refere o artigo anterior, o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico do Estado da Paraíba - IPHAEP, tomará as providências cabíveis, em cumprimento à legislação vigente;

Art. 3.º - Este Decreto entra em vigor, na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

PALÁCIO DO GOVERNO DO ESTADO DA PARAÍBA, em João Pessoa, de 03 de dezembro de 2010, 122.º da Proclamação da República.


JOSE TARCSIO MARANHÃO
Governador


FRANCISCO DE SALES GALVÃO
SECRETÁRIO DE ESTADO DA EDUCAÇÃO E CULTURA